



Educação antirracista

Projetos de pesquisa-ação

São Paulo - novembro de 2025

Responsáveis pelo texto

Equipe de Pesquisa-ação da Faculdade de Educação da USP

Elie Ghanem

Fernando Tavares

Douglas Ladislau

Bruna Chung

Sumário

Resumo executivo	4
Introdução	13
Contexto e justificativa	16
Desafios no combate ao racismo	16
Práticas escolhidas inicialmente	18
Projetos de pesquisa	20
Hipóteses focalizadas	20
Problemas formulados	21
Procedimentos de coleta	21
Desafios na realização das atividades	24
Resultados alcançados	27
Conclusões que chegaram das escolas	31
Indicadores de aprendizagem	34
Intercâmbio e uso dos recursos	43
Avaliações	49
Avaliação do suporte oferecido pela Feusp	49
Avaliação do processo de pesquisa-ação	53
Desafios na implementação de práticas antirracistas	55
Ações futuras	58
Uma interpretação da iniciativa de educação antirracista	61
Apêndices	63
Apêndice 1 - Manifestações de racismo no ambiente escolar	63
Apêndice 2 - Iniciativas antirracistas em andamento antes da pesquisa	64
Apêndice 3 - Escolas e títulos das pesquisas	66
Apêndice 4 - Educação antirracista - problemas de pesquisa formulados	67
Apêndice 5 - Educação antirracista - Indicadores de aprendizagem elaborados na Escola da Prefeitura de Guarulhos Professor Edson Nunes Maleka	68
Apêndice 6 - Educação antirracista - Indicadores de aprendizagem elaborados na Escola Indígena Baniwa e Koripako Eeno Hiepole	69

Educação antirracista Projetos de pesquisa-ação

Resumo executivo

Este relatório sistematiza os resultados da chamada nacional do programa Escolas2030 para apoiar dez instituições educativas brasileiras na elaboração e experimentação de indicadores de aprendizagem voltadas ao antirracismo, por meio de projetos de pesquisa-ação realizados entre março e junho de 2025, com assessoria técnico-pedagógica da Faculdade de Educação da USP e apoio financeiro da Imaginable Futures.

As participantes foram selecionadas pela consistência da sua experiência acumulada em práticas de educação antirracista. Destacaram uma pessoa para a função de agente mobilizadora do projeto, ou seja, com tempo direcionado especificamente à tarefa. Dispuseram de apoio técnico especializado e um aporte pontual de recursos financeiros. Tiveram um prazo de três meses para elaborar e realizar seu projeto.

A proposta envolveu: pesquisa-ação; implementação de intervenções antirracistas; construção de indicadores contextualizados; intercâmbios entre as escolas; formação continuada e mobilização comunitária.

Contextos

Os contextos em que foram elaborados os projetos mostraram ser comuns aos de muitas outras escolas nas quais as práticas antirracistas são inexistentes ou muito incipientes, com uma ou mais das seguintes características:

- Falta de engajamento de familiares no processo educativo

- Negação do racismo e precariedade das ações de formação

- Orientações antirracistas existentes não praticadas

- Descontinuidade de processos devido ao ingresso de novas turmas e rotatividade de profissionais

- Frágil compreensão coletiva do que é racismo e insuficiente disponibilidade de materiais informativos pertinentes

Desafios

Mesmo nessas escolas, a maior parte com experiências consolidadas de educação antirracista foram identificados desafios:

Resistências individuais e familiares à educação antirracista

Diversidade de concepções sobre educação antirracista entre educadores

Tempo e recursos humanos dedicados exclusivamente ao tema

Formação continuada

Mobilização e engajamento comunitário

Sustentabilidade financeira e continuidade das ações

Projetos de pesquisa-ação

Cada escola escolheu uma prática antirracista como eixo central — rodas de conversa, oficinas artísticas, revisão curricular, projetos culturais, seminários temáticos, comitês estudantis, entre outras.

Os procedimentos de pesquisa incluíram: observação direta, questionários, grupos focais com crianças, análise documental, oficinas culturais, revisão de roteiros de estudo, guias de indicadores e planilhas colaborativas.

Problemas de pesquisa

Os problemas levantados pelos projetos de pesquisa se concentraram na eficácia antirracista das práticas em andamento. Procurou-se esclarecer também qual é a compreensão que as crianças têm do racismo em suas experiências, como a formação da equipe escolar influencia suas práticas educacionais, se estas fortalecem a identidade e reduzem o racismo e qual é a adequação de indicadores de avaliação disponíveis.

Resultados alcançados

Para além das aprendizagens, com maior autoconsciência racial entre estudantes, mudanças em relações interpessoais e redução de práticas preconceituosas, foram observados resultados em outras dimensões, que

apontam para avanços significativos, ainda que desiguais, na consolidação de uma cultura escolar antirracista.

Currículo: recursos e conhecimentos

- aumento da representatividade negra nos materiais,
- incorporação de saberes tradicionais,
- transversalidade de conteúdos afro-brasileiros,
- reconhecimento da identidade racial,
- valorização da cultura afro-brasileira, indígena e local.
- revisão crítica de currículos;
- produção de instrumentos avaliativos inovadores.

Relações interpessoais e ambiente escolar

- postura crítica diante de piadas, discriminações e enfrentamento de práticas racistas
- fortalecimento de vínculos
- participação coletiva em ações antirracistas

Mudanças institucionais

- comitês estudantis atuantes
- ampliação da escuta e do protagonismo estudantil
- fortalecimento de práticas culturais e identitárias locais.

Projetos que priorizaram **a escuta ativa dos estudantes** revelaram: avanços na capacidade de reconhecer o racismo; dificuldade inicial de diferenciar racismo de outros preconceitos; necessidade de espaços estáveis de fala e reflexão; potência de comitês estudantis e rodas de conversa. A escuta qualificada mostrou-se fundamental para o desenvolvimento do protagonismo infantil e juvenil.

A formação continuada aparece como um dos principais fatores de transformação. Onde houve formação sobre racismo estrutural, africanidades e metodologias críticas, identificaram-se: maior consistência na implementação dos projetos; revisão curricular mais profunda; maior clareza na elaboração de indicadores. A falta de tempo institucional para formação e reflexão coletiva foi apontada como barreira recorrente.

A participação da comunidade variou muito: escolas mobilizaram famílias em festas, exposições e rodas de diálogo; outras enfrentaram baixa adesão e dificuldades de engajamento; escola indígena, quilombola e comunitárias

conseguiram integrar saberes tradicionais de forma orgânica. A experiência evidencia que mobilização comunitária é um trabalho contínuo, que requer estratégia, escuta e tempo.

Indicadores de aprendizagem

Na Escola Indígena Baniwa Eeno Hiepole, priorizou-se a dimensão de "Atitudes e relacionamentos" e os indicadores focalizaram a aprendizagem Colaboração.

São estes:

Estudante defende colega de outro clã contra xingamentos, piadas e apelidos discriminatórios;

Estudante quebra o silêncio e muda o olhar para desnaturalizar o racismo contra colega de outro clã;

Estudante manifesta afeto e atenção e fortalece relações de amizade com colega de outro clã;

Estudante reconhece, elogia e valoriza o corpo e a estética (beleza) de colega de outro clã;

Estudante ajuda colega de outro clã a ocupar lugares de poder, integrando grupos de trabalho, sendo representante de turma ou compondo times esportivos.

Também se estabeleceram indicadores para a dimensão de "Recursos didáticos e paradidáticos".

Quantidade de recursos didáticos em diferentes línguas e sobre diferentes etnias e clãs na escola;

Uso de recursos didáticos em diferentes línguas e sobre diferentes etnias e clãs na escola;

Manutenção e ampliação de recursos didáticos em diferentes línguas e sobre diferentes etnias e clãs na escola.

Na Escola Municipal Antonio Coelho Ramalho, os indicadores foram estruturados a partir de duas aprendizagens: Protagonismo e Colaboração. Para a aprendizagem Protagonismo, foram definidos os seguintes indicadores:

Exterioriza sua opinião;

Age na realização das ideias;

Age na realização de ideias de outras pessoas, especialmente contra xingamentos, piadas e apelidos discriminatórios e racismo religioso;

Quebra de silêncio e mudança de olhares para desnaturalizar o racismo;

Manifestação de afeto, atenção e fortalecimento das relações de amizade;

Reconhecimento do corpo e da estética (beleza) negra;
Construção positiva do pertencimento racial;
Valorização das meninas e mulheres negras.

Os indicadores da aprendizagem Colaboração nessa mesma escola incluem:

Concebe e executa tarefas em acordo mútuo;
Ajuda colegas com manifestação de afeto e atenção;
Fortalecimento de relações de amizade;
Reconhecimento do corpo e da estética (beleza) negra;
Construção positiva do pertencimento racial;
Valorização das meninas e mulheres negras.

Na Escola da Prefeitura de Guarulhos Professor Edson Nunes Malecka, os indicadores se alinham com a aprendizagem Protagonismo e a aprendizagem Autoconhecimento, sendo assim enunciados:

Compreensão de que o racismo ainda está presente e reflete na estrutura da sociedade brasileira;
Capacidade de identificar e apontar os reflexos do racismo na estrutura socioeconômica do país, relacionando desigualdades a fatores raciais;
Conhecimento das cores e raças oficialmente reconhecidas pelo IBGE, demonstrando entendimento da diversidade racial existente no Brasil;
Habilidade em diferenciar racismo de outras formas de discriminação, tais como bullying, injúria racial, gordofobia, LGBTQIAPN+fobia, misoginia e xenofobia, entre outras;
Uso correto e confiante dos termos de cor ou raça conforme definidos pelo IBGE, sem constrangimento ou vergonha, refletindo respeito e valorização da identidade racial.

Na Escola Municipal Quilombola Professora Lydia Sherman, os indicadores de aprendizagem foram definidos para avaliar o nível de "conscientização racial" de estudantes do ensino fundamental 1, a partir de práticas antirracistas, lúdicas e interdisciplinares. São os seguintes:

Interesse e valorização por culturas afro-brasileiras e afro diaspóricas;
Empatia e respeito por colegas de diferentes origens étnico-raciais;
Apropriação de conceitos relacionados ao racismo e à justiça social;
Participação ativa e protagonismo nas atividades propostas;
Capacidade de identificar e rejeitar comportamentos preconceituosos.

Na Escola Pluricultural Odé Kayodê, os indicadores de aprendizagem antirracista foram elaborados numa perspectiva que integra múltiplas dimensões:

Valorização da ancestralidade e identidade: incluindo crianças que reconhecem e narram elementos da própria história e cultura, demonstrações de orgulho em relação à identidade étnico-racial;

Desenvolvimento de competências socioemocionais: englobando capacidade de autorreflexão e autoconhecimento verbalizadas durante as oficinas;

Respeito à diversidade e práticas antirracistas: incluindo posturas de acolhimento e respeito frente às diferenças culturais e raciais, redução de comportamentos de exclusão ou preconceito no cotidiano escolar.

Adicionalmente, estabeleceram-se indicadores para "Engajamento nas práticas artísticas e culturais":

Participação ativa nas oficinas de modelagem em barro;

Produção de peças que expressem elementos culturais, identitários e comunitários;

Capacidade de relacionar a prática artística com saberes tradicionais.

Os indicadores de "Sentido de pertencimento ao território e à comunidade" englobam crianças que expressam:

Vínculo afetivo com a escola, o bairro ou a comunidade;

Participação em rodas de conversa, trazendo experiências próprias e familiares;

Identificação do espaço escolar como lugar de escuta e acolhimento.

Também se estabeleceram indicadores relativos à "Produção coletiva de saberes":

Elaboração de narrativas e registros que integrem saberes tradicionais e novos aprendizados através de uma exposição;

Cooperação em atividades coletivas, evidenciando a construção compartilhada do conhecimento.

E ainda, indicadores de "Impacto nas aprendizagens formais e integrais":

Ampliação da linguagem oral e da capacidade de argumentar em discussões coletivas;

Desenvolvimento de habilidades motoras e criativas nas atividades manuais;

Demonstração de atitudes críticas diante de situações de desigualdade.

Na Escola Municipal de Ensino Fundamental Desembargador Amorim Lima, os indicadores de aprendizagem foram estruturados em torno do processo de revisão crítica dos roteiros de pesquisa de estudantes à luz dos "marcadores de africanidades":

Aumento da representatividade, mensurado pela quantidade de autores negros e temas africanos incluídos nos roteiros revisados;

Participação ativa, avaliada pelo engajamento de educadores e estudantes nas discussões e revisões dos roteiros;

Colaboração, aferida pela frequência e qualidade das interações entre educadores e estudantes durante as atividades;

Empatia, identificada através de relatos de estudantes e educadores sobre a valorização de diferentes saberes e vivências.

Na Escola dos Sonhos, os indicadores de aprendizagem antirracista estabelecidos foram:

Reconhecer e relatar situações de preconceito vividas ou testemunhadas na escola, demonstrando confiança ao solicitar o apoio do Comitê de Equidade;

Participar de chás interativos, expressando seus sentimentos e escutando com empatia os colegas;

Refletir criticamente sobre comportamentos próprios e de colegas, reconhecendo atitudes preconceituosas e propondo formas de compreender como essas ações afetam a vida do outro;

Aplicar as estratégias de resolução de conflitos, intervindo e apoiando os colegas diante de situações de preconceito na escola.

No IFSP-São Roque, os indicadores de aprendizagem foram estruturados numa perspectiva institucional ampla:

Efetividade dos documentos institucionais nas práticas pedagógicas da escola, indicando a concepção de educação antirracista presente na instituição;

Desafios e dificuldades enfrentadas pelas docentes para implementar a educação antirracista;

Coleta e sistematização de dados que auxiliam a escola a identificar demandas por formação continuada de educadoras e educadores.

Intercâmbio e uso dos recursos

O programa Escolas2030 estabeleceu como requisito para as escolas participantes da chamada de projetos a realização de intercâmbios entre as instituições selecionadas. Os recursos (US\$ 1.000 por escola) foram considerados insuficientes por seis das dez equipes, devido a: custos elevados de transporte e hospedagem para realizar as visitas em outras regiões do país.

Apesar da insuficiência de recursos, as equipes das escolas, além de os utilizarem nas visitas, adquiriram livros e materiais artísticos com temática antirracista, fizeram formação dos educadores e contratação de revisor para o seu relatório.

Uma interpretação da iniciativa

Estamos acostumados a aceitar que, em unidades escolares, a maior parte do tempo seja destinada a fazer professores e estudantes realizarem atividades e não a pensarem sobre como vivem e como seria preferível se relacionarem. É uma visão que pressiona a educação a reduzir-se à dimensão da instrução. Opõe-se, portanto, à amplitude da perspectiva de educação integral e tem curto alcance no enfrentamento do racismo.

Essa opção limitante está presente também em escolas comunitárias e nas públicas, mas estas últimas têm maior rigidez na destinação do tempo para aulas e, de modo geral, é escasso o tempo para negociações e planejamento coletivo.

Não há tradição de envolver estudantes nessas atribuições de negociações e planejamento e menos ainda de abarcar familiares. Além disso, não há acúmulo significativo de experiência na formulação de projetos de pesquisa rigorosa, nem na sua elaboração coletiva e, ainda mais raramente, em pesquisa-ação.

Os projetos de pesquisa-ação aqui descritos foram elaborados em cada escola por pequenos grupos, que contaram com uma pessoa para impulsioná-los (agente mobilizador/a) e para fazer a ponte com o conjunto da unidade.

Cada caso compôs um enorme e exigente empreendimento de idear o projeto, negociar sua concepção coletivamente, criar atividades educacionais para experimentá-lo, formular indicadores de aprendizagem e realizar observações para testá-los, extraindo aprendizados do processo.

Tudo conseguiu ser feito com maior ou menor acabamento e sucesso em pouco mais de três meses, em escolas incomuns, que já mantinham direcionamento para a equidade e que contavam com profissionais sensíveis ao antirracismo.

Para além do proveito que essa iniciativa proporcionou em cada escola participante, entre os resultados, há uma coleção de indicadores. Certamente estão por ser aperfeiçoados, mas já podem servir de subsídio para esforços análogos em muitas outras escolas, de diferentes lugares.

Se quisermos em grande escala o enraizamento exitoso da educação antirracista nas escolas básicas do país, essa iniciativa leva a considerar cinco condições que, talvez não sendo suficientes, mostraram-se totalmente necessárias. Sua oferta tem sido inexistente ou inexpressiva na maior parte das escolas brasileiras:

Nova partição das jornadas de trabalho e das atividades de estudantes, concedendo muito maior dedicação a entendimentos coletivos em torno do planejamento e execução de pesquisa sobre as relações sociais, especialmente as raciais.

Material didático e paradidático sobre relações raciais e sobre variadas culturas, povos e histórias.

Ações regulares e progressivas de formação de profissionais docentes e não docentes.

Viabilização de intercâmbios (presenciais e online) entre pessoas de diferentes escolas.

Apoio especializado contínuo e interlocução qualificada com profissionais docentes e não docentes.

Educação antirracista

Projetos de pesquisa-ação

Introdução

Este relatório apresenta uma sistematização das respostas fornecidas pelas equipes de dez escolas participantes da chamada de projetos feita pelo programa Escolas2030 para elaborar e aplicar indicadores de aprendizagem especificamente voltados ao antirracismo. Aqui se detalham os seus contextos, os desafios percebidos no combate ao racismo, as formas como este se manifesta e seus efeitos, as iniciativas antirracistas já em andamento, e os delineamentos dos projetos de pesquisa-ação propostos em cada escola.

As informações incluem a identificação das aprendizagens priorizadas, as perguntas de pesquisa centrais, as hipóteses formuladas e que foram escolhidas para ser investigadas, os procedimentos planejados para a coleta de dados e os resultados obtidos, bem como formas de utilização dos recursos financeiros.

O objetivo dessa chamada foi a prática da pesquisa-ação para elaborar e aplicar indicadores especificamente voltados ao antirracismo nas aprendizagens priorizadas no programa Escolas2030: criatividade, colaboração, empatia, protagonismo e autoconhecimento. Em um cenário nacional e global cada vez mais consciente da urgência de dismantelar estruturas de discriminação, essa chamada e as escolas participantes emergem como um esforço colaborativo e fundamentado, buscando não apenas identificar, mas também avaliar o impacto de práticas antirracistas no cotidiano de organizações educativas e aperfeiçoá-las.

A pesquisa-ação proposta no Escolas2030 deve ser participativa, tendo como pilar a crescente mobilização da comunidade local, requerendo a construção de indicadores de aprendizagem e a implementação de intervenções antirracistas em processos coletivos e contextualizados. Para tanto, o projeto de cada uma das dez escolas contou com a assessoria especializada da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (Feusp) e o apoio financeiro da Imaginable Futures. Foram destinados mil dólares a cada escola envolvida mediante o compromisso de utilização exclusiva nas atividades do projeto,

incluindo intercâmbios e participação em curso de extensão universitária no segundo semestre de 2025.

A expectativa é que as ações e os resultados alcançados por essas escolas contribuam para gerar métodos consistentes para avaliar aprendizagens que engajem a comunidade educativa no combate ao racismo e fomentem práticas mais inclusivas e equitativas. Este esforço conjunto visa construir indicadores eficientes que sirvam como referência para iniciativas similares, de modo a aprimorar continuamente as abordagens antirracistas.

A chamada e as organizações polo

No final de janeiro de 2025, a Equipe de Coordenação do Escolas2030 relembrou às 115 organizações educativas que compõem o Coletivo Escolas2030 que, no ano anterior, foi necessário fazer adequações em vista da drástica redução de recursos para o programa. Interrompeu-se a regularidade das interações que eram mantidas para os projetos de pesquisa-ação das 27 organizações polo do programa, bem como foi suspensa a oferta do curso de extensão universitária sobre educação integral e transformadora, que já contara com uma edição em 2022 e outra em 2023.

Essas decisões foram necessárias para que as energias se concentrassem na sistematização dos processos e aprendizados realizados pelo programa até então. Com isso, foi produzida a apresentação resumida [A pesquisa-ação nas organizações educativas](#), o relatório [Como as organizações educativas pesquisam?: desafios e caminhos da prática da pesquisa em unidades de educação básica](#), e o relatório [Pesquisa-ação e equidade: efeitos em ambientes escolares inovadores](#).

Além disso, foi feito o lançamento de duas publicações. Uma contendo [Recomendações para a educação integral, transformadora e antirracista](#). A outra foi a seção Especial do Centro de Referências em Educação Integral, [Inovar e avaliar aprendizagens transformadoras: por um novo repertório sobre avaliação de aprendizagens transformadoras no Brasil](#), com reflexões e contribuições do Escolas2030 para a inovação do ecossistema educacional brasileiro.

Em 2025, a Equipe de Coordenação passou a buscar outras fontes de recursos para retomar o apoio que vinha prestando aos projetos de

pesquisa-ação, bem como para manter a comunicação entre as organizações integrantes do Coletivo Escolas2030 e oferecer nova edição do curso de extensão universitária.

Em fevereiro de 2025, com as pessoas responsáveis pelas organizações polo do programa, foi feita uma consulta sobre o interesse das respectivas coletividades em direcionar o seu projeto de pesquisa-ação para a elaboração e aplicação de indicadores de aprendizagem, especificamente voltadas para o antirracismo.

A manifestação de interesse da organização não implicaria automaticamente sua incorporação ao grupo que contaria com apoio para a proposta. Efetuou-se uma seleção baseada na consistência da experiência acumulada em práticas de educação antirracista.

Também se estabeleceram como requisitos: que a organização educativa apontasse uma pessoa para assumir a função de agente mobilizadora do projeto; outra que seria suplente; o compromisso de realizar uma visita de intercâmbio em outra organização participante da chamada; a apresentação, até 30 de julho de 2025, de um relatório detalhado sobre o projeto. Cumprindo-se essas condições, cada uma das 10 selecionadas na chamada receberia para o seu projeto o apoio técnico da Feusp e os recursos financeiros.

Em 20 de março, foi completada a seleção. Doze escolas mostraram interesse em participar e dez foram selecionadas. Estas tiveram praticamente três meses para elaborar e realizar os projetos.

Organizações participantes

As dez escolas participantes da chamada estão listadas abaixo. São de quatro das cinco grandes regiões do Brasil. Duas são de capitais (Belo Horizonte e São Paulo) e as demais são de municípios de portes variados, abrangendo áreas urbanas, rurais e floresta. São oito unidades de ensino fundamental (seis das quais também de educação infantil) e duas de ensino médio.

Escolas e agentes mobilizadores/as participantes

Escola	Agente mobilizador/a
Escola da Prefeitura de Guarulhos Professor Edson Nunes Malecka (Guarulhos, SP)	Saulo Marriel Melo
Escola Municipal Antonio Coelho Ramalho (Ibiúna, SP)	Silvia Maria Xavier
Escola Municipal Baniwa Eeno Hiepole (São Gabriel da Cachoeira, AM)	Isaías Jairo da Silva
Escola Estadual de Educação Profissional Alan Pinho Tabosa (Pentecoste, CE)	Vinicius dos Anjos
Escola Municipal Anne Frank (Belo Horizonte, MG)	Katia Mendes
Escola Municipal Quilombola Professora Lydia Sherman (Búzios, RJ)	Marnie Marques
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo - São Roque (SP)	Kátia Cristina Alves Pinto
Escola Municipal de Ensino Fundamental Desembargador Amorim Lima (São Paulo, SP)	Lorena Oliveira de Souza
Escola dos Sonhos (Bananeiras, PB)	Elidiana Oliveira
Escola Pluricultural Odé Kayodê / Espaço Cultural Vila Esperança (Goiás, GO)	Adriana Campelo

O número de estudantes das unidades educacionais envolvidas é muito variado e a quantidade de pessoas que participaram ativamente no desenvolvimento da pesquisa-ação também oscilou muito. As/os agentes mobilizadoras/es chegaram a apontar em um caso a participação do total de integrantes do corpo docente e do conjunto do alunado, mas, nas demais, foram mencionados grupos menores de 8 a 40 estudantes, com quem 2 a 10 docentes lidaram.

Contexto e justificativa

Desafios no combate ao racismo

Embora as escolas que foram selecionadas para participar contem com experiência acumulada e recorrentes práticas de educação antirracista, os contextos em que foram elaborados os seus projetos parecem ser comuns aos de muitas outras escolas nas quais tais práticas são inexistentes ou muito mais incipientes. Os/as agentes mobilizadores/as das escolas participantes explicitaram manifestações de racismo em seus ambientes escolares (Apêndice

1). Apontaram também desafios que estão presentes com maior ou menor intensidade conforme a escola e podem ser agrupados nos seguintes eixos:

- Comprometimento e engajamento – Mencionou-se a falta de comprometimento da família em intervir em situações de racismo, deixando esse papel para a escola. Familiares responsáveis por estudantes chegam a ser classificados como “ausentes” ou vistos como quem “atrapalha o processo” educativo. Genericamente, foi feita referência ao não engajamento nas práticas antirracistas.
- Formação e conscientização – Acusou-se a precariedade de cursos, outras ações de formação e ambiente formativo para o combate ao racismo, a dificuldade em admitir que o racismo é um problema relevante no ambiente escolar, sendo naturalizado, negado e invisibilizado, o que inibe ações pertinentes.
- Políticas públicas e recursos – Debates, objetivos e políticas não são transformadas em práticas antirracistas no cotidiano e no currículo oculto. Ainda que haja conteúdos antirracistas no currículo, restringem-se à área de Ciências Humanas, além da dificuldade de ressignificar conteúdos tradicionais para incorporar saberes africanos e afro-brasileiros. A dinâmica da chegada de novos alunos semestral ou anualmente afeta o fluxo dos processos educativos. Há também interrupção de ações devido à instabilidade da composição das equipes. Há resistências institucionais à diversidade de saberes e práticas, bem como tensão entre autonomia pedagógica e exigências padronizadas da rede escolar, às quais se soma a escassez de recursos.
- Compreensão do racismo – É frágil a compreensão coletiva do que é racismo e sua seriedade. O racismo no cotidiano está em piadas, comentários e exclusões. O fortalecimento da identidade étnico-racial de crianças e jovens enfrenta uma sociedade que “estigmatiza suas origens”. Não há disponibilidade suficiente de referência ampla em acervo de valorização das histórias e culturas indígenas, africanas, afro-brasileiras e migrantes. Estudantes que sofrem atos de racismo não conseguem se expressar ou pedir apoio, dependendo de colegas para falar por eles.

Práticas escolhidas inicialmente

Já havia práticas antirracistas nas escolas antes de participarem dessa chamada de projetos (Apêndice 2). Em cada estabelecimento, uma prática educacional antirracista foi escolhida inicialmente como objeto de conhecimento e intervenção (os títulos dos projetos de pesquisa estão no Apêndice 3). Na Escola Municipal Anne Frank, elegeu-se a prática de diálogo, escuta e empatia, buscando promover o reconhecimento individual e a auto aceitação dos estudantes, garantindo que cada indivíduo se enxergue e se aceite como é, tendo a certeza de que deve ser respeitado pelos outros.

No IFSP (Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo), campus São Roque, pretendeu-se uma investigação crítica sobre a efetividade e os limites das ações institucionais e pedagógicas já existentes, voltadas à educação antirracista. Trata-se de uma postura reflexiva de avaliar as iniciativas em andamento e identificar lacunas para potenciais avanços nas políticas antirracistas do campus.

Na Escola Municipal Quilombola Professora Lydia Sherman, propôs-se um conjunto de atividades de natureza lúdica e artística em colaboração com a comunidade escolar e convidados, buscando concretizar uma educação antirracista que transcenda o discurso e se manifeste em práticas concretas e engajadas.

Pela Escola Indígena Eeno Hiepole, apontaram-se oficinas temáticas sobre identidade, cultura e história afro-brasileira e indígena, bem como rodas de conversa com estudantes e membros da comunidade, leitura e produção de textos e atividades artísticas e culturais na valorização dos saberes tradicionais baniwa e a construção coletiva de conhecimentos, "integrando narrativas orais, rituais e práticas comunitárias".

Na Escola da Prefeitura de Guarulhos Professor Edson Nunes Malecka, elegeu-se como prática educacional antirracista um projeto para ação coletiva visando a promover as aprendizagens protagonismo e autoconhecimento.

Na Escola Estadual de Educação Profissional Alan Pinho Tabosa, priorizaram-se como prática seminários envolvendo a comunidade escolar, com

enfoque na historiografia africana e afro-brasileira. As atividades incluiriam visitas de estudo ao Museu Senzala Negro Liberto, na cidade de Redenção (Ceará), e participação na Semana da África da Unilab (Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira), oportunizando vivências imersivas em espaços de memória e conhecimento histórico que valorizam as narrativas e contribuições africanas e afro-brasileiras.

Na Escola Municipal Antonio Coelho Ramalho, as ações foram centradas na "construção do pertencimento racial dos estudantes", para fortalecer a autoestima por meio do conhecimento e valorização da história e cultura afro-brasileira e africana. A prática busca combater tanto manifestações explícitas de racismo quanto suas expressões sutis, estimulando o "engajamento racial dos estudantes".

Como objeto de conhecimento e intervenção, na Escola Pluricultural Odé Kayodê, elegeu-se a realização de oficinas de modelagem em barro conduzidas por um pai negro, artista e ex-aluno da instituição. Entendeu-se que essa prática expressa elementos da cultura e resistência negra, valorizando saberes ancestrais e reafirmando o protagonismo negro no espaço educativo. Cria também pontes entre gerações, fortalecendo vínculos entre escola e comunidade.

Na Escola Municipal de Ensino Fundamental Desembargador Amorim Lima, optou-se pela revisão crítica dos roteiros de pesquisa de estudantes à luz dos Marcadores de Africanidades, incorporando saberes comunitários e estratégias pedagógicas que promovam empatia e colaboração.

Na Escola dos Sonhos, o foco da pesquisa foram as ações do Comitê Estudantil de Equidade da instituição, por meio do acompanhamento e da análise de metas, indicadores e estratégias previstas no plano de ação, desenvolvidas no período de maio a julho. Essa abordagem situa a prática educacional antirracista no campo da gestão institucional e do monitoramento sistemático de políticas de equidade.

O trabalho centrado no antirracismo foi proposto em cada escola, situando-se no âmbito de alguma ou algumas das cinco aprendizagens prioritizadas no programa Escolas2030. A aprendizagem *Colaboração* foi escolhida

em 9 escolas; o *Protagonismo* foi opção em 7 escolas; a *Empatia*, a *Criatividade* e o *Autoconhecimento*, em 6 escolas.

Projetos de pesquisa

Hipóteses focalizadas

As hipóteses levantadas podem ser enunciadas conforme abaixo:

- A integração de saberes indígenas tradicionais no currículo reduz a internalização do racismo.
- A incorporação de marcadores de africanidades nos roteiros de pesquisa de estudantes aumenta a representatividade negra e a relevância cultural das atividades.
- As escolas que incorporam conteúdos de história e cultura africana e afro-brasileira de forma transversal apresentam maior conscientização racial entre os alunos.
- Dois indicadores de qualidade da educação antirracista exigem adaptações e formação dos educadores para seu uso efetivo: abordagem da disciplina, sem exclusão; democratização do acesso aos lugares de poder.
- Oficinas de modelagem em barro, enquanto prática enraizada no território (educador negro da própria comunidade) e nos saberes ancestrais afro-brasileiros, favorecem o desenvolvimento do protagonismo, da criatividade e do autoconhecimento das crianças.
- Ações inclusivas e formativas promovidas pelo Comitê Estudantil de Equidade favorecem o respeito à diversidade racial e melhoram as relações interpessoais.
- A formação da equipe escolar lhe possibilita repensar suas práticas e atitudes, promovendo conteúdos e materiais que valorizem a história, cultura e contribuições da população negra e de outros grupos étnicos

Em três casos, não foi explicitada uma hipótese na forma de uma resposta possível à pergunta que constituiu o problema de pesquisa formulado.

Problemas formulados

Os problemas de pesquisa formulados nos projetos (Apêndice 4) se referiram a seis aspectos: 1) como combater o racismo; 2) como as práticas em andamento fortalecem a aprendizagem escolhida para pesquisar; 3) como fortalecem a identidade e reduzem o racismo; 4) qual é a adequação de indicadores de avaliação disponíveis; 5) qual é a compreensão que as crianças têm dos impactos do racismo em suas experiências; 6) como a formação da equipe escolar influencia suas práticas educacionais.

Procedimentos de coleta

Os procedimentos utilizados para a coleta de dados variaram muito entre os projetos. Em um destes, assinalou-se vagamente apenas uma coleta de informações "com os pais, pela equipe mobilizadora". Na Escola Quilombola Lydia Sherman, foi aplicado um questionário nas turmas de 4º e 5º ano.

A observação direta foi feita por dois professores indígenas em uma turma de 6º ano Ensino Fundamental II da Escola Baniwa Eeno Hiepole, por um período de dois meses, com registros semanais em fichas de indicadores.

Na Emef Des. Amorim Lima, durante uma fase diagnóstica, grupos de trabalho compostos por educadores e estudantes fizeram uma leitura crítica dos roteiros de estudo existentes, identificando autores negros ausentes, temas africanos tratados superficialmente e possíveis vieses eurocêntricos na linguagem. Esta análise foi registrada em planilhas colaborativas. A fase final foi de revisão dos roteiros para o ano seguinte.

No IFSP-São Roque, fez-se análise documental (*Projeto Político-pedagógico; Regimento disciplinar discente; Política de enfrentamento e combate à violência na escola*; projetos pedagógicos dos cursos técnicos integrados ao ensino médio; dados da pesquisa sobre equidade realizada em 2023); aplicou-se questionário a docentes de componentes curriculares voltados para a educação antirracista e a outros cuja temática tem caráter transversal; fizeram-se observações de ações, considerou-se o resultado da participação na Olimpíada Brasileira de Africanidades e Povos Originários e eventos escolares

realizados de abril a junho por membros da equipe de pesquisa (docentes de diferentes áreas).

Na Escola de Ensino Médio Alan Pinho Tabosa, entre maio e junho, houve pesquisa de estudantes sobre literatura africana e afrobrasileira, produção de pinturas relacionadas em uma turma de 1º ano; reprodução de artes e culinária relacionadas em uma turma do 2º ano; pesquisa e apresentação da geografia do continente africano em uma turma do 3º ano.

Na Escola Edson Nunes Malecka, a coleta de dados foi realizada com turmas do 4º ano, crianças com maior amadurecimento no universo do ensino fundamental I, mas que irão permanecer na escola no ano seguinte, possibilitando sua difusão. O foco foi a escuta das crianças e a análise de suas compreensões a respeito do racismo, dentro de uma perspectiva de educação antirracista centrada no protagonismo e no autoconhecimento. Inicialmente, foi promovido um *Momento com os professores* dessas turmas, com o objetivo de construir coletivamente perguntas para as crianças, a fim de investigar seus conhecimentos prévios sobre o tema. Foram definidas duas perguntas norteadoras: "O que é racismo?" e "O que você pode fazer para evitá-lo?". Foi solicitada às crianças uma produção textual com essas questões. Foram selecionadas 16 crianças, sendo duas de cada turma, organizadas em dois grupos de oito, um no período da manhã e outro no da tarde. O critério de seleção considerou o nível de expressão do pensamento crítico apresentado nas respostas, privilegiando a diversidade de compreensões para enriquecer os debates e favorecer a construção coletiva do conhecimento. Foram realizados diversos encontros com os grupos, nos quais foram promovidas dinâmicas, rodas de conversa e momentos de escuta ativa, sempre articulados a práticas reflexivas. A condução das atividades foi alternada entre o agente mobilizador do projeto e a coordenadora pedagógica da escola. Enquanto um mediava as atividades a outra se encarregava da observação direta e do registro das falas e comportamentos das crianças. As atividades com os grupos permitiram observar o desenvolvimento da compreensão sobre o racismo e também reconfiguraram o olhar pedagógico sobre a escuta infantil, revelando como práticas intencionais podem ampliar o protagonismo das crianças e gerar mudanças significativas na forma como o racismo é percebido, discutido e enfrentado no ambiente escolar.

Na Escola Pluricultural Odé Kayodê, a coleta de dados foi realizada ao longo das oficinas de modelagem em barro, envolvendo turmas da educação infantil e dos anos iniciais do ensino fundamental. A coleta foi proposta como forma de promover o envolvimento ativo dos educadores, estudantes e comunidade escolar, com observação direta das interações, das expressões e comportamentos das crianças, com foco na criatividade, no protagonismo e no autoconhecimento. Fez-se registro fotográfico dos momentos significativos e a análise das peças produzidas nas oficinas, buscando compreender aspectos simbólicos, culturais e identitários.

Na Escola dos Sonhos, uma observação participante foi realizada pelos integrantes do Comitê de Equidade (educandos/as e educadoras) no período de maio a julho, em encontros de planejamento, execução e avaliação. Foram feitos registros no caderno do comitê por um/a educando/a designado/a a cada encontro. Houve oito encontros: um para traçar estratégias e indicadores com base nos dados coletados por questionário no início da pesquisa, outro de planejamento das entrevistas com os/as educandos/as identificados como praticantes de algum tipo de preconceito na escola.

Outro encontro foi de membros do Comitê e 14 estudantes que solicitaram apoio ao preencher o questionário de mapeamento. O encontro teve início com a fala de um educando sobre o objetivo da atividade; em seguida, outro estudante conduziu uma dinâmica de integração intitulada "Caixa das emoções", na qual cada participante escreveu em um papel o sentimento ou emoção que estava vivenciando e o depositou na caixa. Por fim, outro aluno mediou um momento de reflexão, incentivando os/as educandos/as a escreverem ou compartilharem quem já havia praticado bullying com eles.

Também se realizou um momento de pesquisa com os/as educandos/as que afirmaram praticar bullying. Seguiu-se um roteiro semi estruturado de três perguntas e as falas foram gravadas em áudio. Os/as estudantes participaram de conversas em pequenos grupos a partir das questões: 1. Você reconhece quem pratica/praticou bullying na escola? Que tipo? 2. Você sabe como isso pode afetar a vida do outro?

Os membros do Comitê apresentaram à comunidade escolar os dados da pesquisa e as estratégias que seriam desenvolvidas ao longo do ano. Também se

realizou a avaliação das apresentações sobre as pessoas que sofrem ou praticam algum tipo de preconceito na escola, considerando a receptividade dos colegas e o grau de conscientização acerca das situações vivenciadas no ambiente escolar.

Na Escola Antonio Coelho Ramalho, foram utilizadas as rodas de conversas dirigidas por uma professora, abordando assuntos relacionados aos indicadores de aprendizagem formulados por ela com a outra docente, que é agente mobilizadora. Os assuntos foram abordados por meio de vídeos, imagens e leitura de livros ou textos. Foram feitas observações no dia a dia da escola nos momentos em que as crianças estavam realizando as atividades escolares e durante intervalos e brincadeiras livres.

Desafios na realização das atividades

Em algumas escolas, as tarefas propostas nos projetos não foram totalmente realizadas no prazo disponível. Em uma foi dito ter sido possível cumpri-las, no entanto, que gostariam de mais tempo para aprofundar as análises, a mobilização de pessoas para responder ao formulário, realizar formação continuada e envolver estudantes de maneira efetiva. Em outra escola restava ainda o ponto culminante do projeto, com a participação das famílias. Em outra, ainda, optou-se por transferir a aplicação de um segundo questionário para novembro de 2025, esperando obter resultados mais efetivos na avaliação do impacto das ações.

Pela Escola Municipal Anne Frank, declarou-se que, entre os principais desafios esteve a dificuldade em encontrar um horário em que se reunisse todo o público para que participasse de forma única e que o objetivo fosse plenamente alcançado. Conseqüentemente, o ponto culminante do projeto, que envolveria a participação das famílias, permaneceu ainda a ser realizado.

Também na Escola da Prefeitura de Guarulhos Professor Edson Nunes Malecka, entre os principais fatores que impactaram o andamento do projeto, esteve "a falta de tempo hábil, a escassez de recursos humanos disponíveis, e a sobrecarga gerada por demandas internas e externas à unidade escolar, que exigiram reorganizações constantes da rotina". Além disso, afirmaram os agentes responsáveis, "à medida que os primeiros encontros com as crianças foram

realizados novas demandas e compreensões surgiram, o que levou à reformulação de algumas etapas do projeto". A escuta atenta aos grupos e a análise das respostas iniciais evidenciaram a necessidade de ampliar o tempo dedicado a rodas de conversa e dinâmicas formativas, permitindo uma abordagem mais sensível e eficaz ao tema do racismo. Entenderam que esse redirecionamento, embora tenha modificado o cronograma, "foi essencial para assegurar a qualidade do processo formativo, respeitando o ritmo das crianças e aprofundando a construção coletiva do conhecimento dentro de uma perspectiva antirracista".

No IFSP-São Roque, foi possível cumprir as tarefas previstas, no entanto, a equipe expressou o desejo de contar com mais tempo para aprofundar as análises, mobilizar pessoas para responder aos formulários, realizar formação continuada e envolver os estudantes de maneira mais efetiva. As principais dificuldades enfrentadas referiram-se ao prazo muito curto para o planejamento, execução e análise do projeto de pesquisa-ação. Como destacado pela equipe, trata-se de um método que exige uma temporalidade maior para realizar uma ação e pesquisá-la, demandando continuidade para as ações iniciadas.

Na Escola Municipal Quilombola Professora Lydia Sherman, foi possível cumprir as tarefas propostas, porém a equipe optou por transferir a aplicação do segundo questionário para novembro de 2025, período de encerramento do projeto anual, esperando obter resultados mais efetivos na avaliação do impacto das ações desenvolvidas. As principais dificuldades encontradas foram o prazo curto para produção de dados e aferimento dos resultados, bem como a baixa adesão da comunidade escolar ao projeto de pesquisa-ação, que contou com poucas pessoas envolvidas diretamente na elaboração, desenvolvimento e cumprimento das ações.

Na Escola Estadual de Educação Profissional Alan Pinho Tabosa, foi possível cumprir com as tarefas previstas no cronograma do projeto. No entanto, também se afirmou que a maior dificuldade enfrentada foi a escassez de tempo, que representou uma limitação significativa para o aprofundamento das ações e análises.

Na Escola Municipal Antonio Coelho Ramalho, o cumprimento das tarefas foi parcial e, igualmente, a maior dificuldade continuou sendo o tempo disponível

para reunir a equipe e envolver todos os profissionais da escola na pesquisa de forma consistente e participativa.

Na Escola Municipal Baniwa Eeno Hiepole, entendeu-se que os objetivos do cronograma foram alcançados, embora o desenvolvimento das tarefas ainda estivesse em curso. Neste caso, a maior dificuldade inicial foi mobilizar o grupo de professores e os membros da comunidade para que compreendessem a proposta de pesquisa-ação, demandando esforços de sensibilização e engajamento.

Na Escola Pluricultural Odé Kayodê, as tarefas não foram cumpridas da forma que havia sido prevista. Também a questão do tempo se mostrou central, uma vez que o cronograma revelou-se insuficiente para o aprofundamento desejado, sobretudo no que se referia à coleta de dados e ao acompanhamento das atividades propostas. Além disso, os momentos de assessoria por parte da Feusp não bastaram para o diálogo e a troca de experiências necessárias para fortalecer a prática pedagógica. A equipe enfrentou dificuldades na produção dos indicadores de aprendizagem, tanto na elaboração quanto na tentativa de experimentá-los, transformando objetivos amplos em indicadores claros e mensuráveis.

Na Escola Municipal de Ensino Fundamental Desembargador Amorim Lima, as tarefas ainda estavam em processo de realização. Também neste caso o tempo disponível não foi suficiente para a efetivação completa da pesquisa-ação. A complexidade do tema exigiu aprofundamento teórico e prático, somado ao desafio de ampliar o engajamento de todos os educadores e estudantes da comunidade escolar.

Na Escola dos Sonhos, foram destacadas entre os principais fatores que impactaram o andamento do projeto a realização de uma pesquisa-ação em um "período muito curto". Mesmo investigando a atuação de um comitê já existente na escola, compreendeu-se que pesquisar as práticas antirracistas requer tempo para a efetivação de um processo que atravessa as relações humanas e envolve um caminho de conscientização. Conforme previsto no cronograma, foram realizados encontros com os/as educandos/as do Comitê de Equidade para construção de ações com base no mapeamento realizado sobre as situações de racismo na escola. Não foi aplicado questionário para verificar se as ocorrências

de racismo aumentaram, diminuíram ou permaneceram as mesmas, devido ao tempo e ainda por compreender que duas ações previstas precisariam ser realizadas.

Resultados alcançados

Na Escola Municipal Anne Frank, foram apontados como resultados uma maior empatia e entendimento por parte das famílias em relação às questões raciais, maior clareza quanto aos direitos e deveres de todos os membros da comunidade escolar, além de avanços na autoaceitação dos estudantes, "reforçando a importância do diálogo e da escuta como práticas fundamentais para a educação antirracista".

No IFSP-São Roque, a análise pormenorizada de documentos institucionais identificou ênfases claras na educação baseada na equidade, diversidade e justiça social, com foco explícito no combate ao racismo e outras formas de discriminação. Foram identificadas também lacunas na implementação e monitoramento das ações propostas, apontando para a necessidade de aprimoramento contínuo. Como indicador de engajamento estudantil, destacou-se a participação dos estudantes do IFSP-São Roque na 1ª edição da Olimpíada Brasileira de Africanidades e Povos Originários (Obapo), uma competição educacional voltada para estudantes da educação básica em todo o território nacional com objetivo de promover o conhecimento e a valorização das culturas e histórias dos povos originários e afrodescendentes. O desempenho foi notável: 37 estudantes estiveram inscritos e foram conquistadas 21 premiações, distribuídas em 2 medalhas de prata, 8 de bronze e 11 honras ao mérito.

Na Escola da Prefeitura de Guarulhos Professor Edson Nunes Malecka, realizou-se uma sistematização de indicadores (Apêndice 5) voltados à promoção da educação antirracista com base no documento "Indicadores da qualidade na educação: relações raciais na escola – Antirracismo em movimento"¹. O foco

¹ AÇÃO EDUCATIVA (org.). *Indicadores da qualidade na educação: relações raciais na escola - Antirracismo em movimento*. 2. ed. São Paulo: Ação Educativa, 2023. 160 p.

recaiu sobre a dimensão "Atitudes e relacionamentos"², compreendida como fundamental para a transformação das práticas escolares e consolidação de uma cultura institucional comprometida com a equidade racial. Foram sistematizados sete indicadores principais: Intervenção imediata contra xingamentos, piadas e apelidos discriminatórios; Quebra de silêncio e mudança de olhares para desnaturalizar o racismo; Reconhecimento do corpo e da estética e beleza negra; Construção positiva do pertencimento racial; Valorização das meninas e mulheres negras; Distribuição de afeto e atenção, e fortalecimento de relações de amizade; Superação do racismo religioso e garantia de uma educação laica. Encontraram-se evidências de aprendizagem nos indicadores, exceto nestes dois últimos. Os avanços foram atribuídos às ações desenvolvidas, ainda que de forma inicial. Os dois indicadores com os quais não foi possível identificar aprendizagem apresentaram maior complexidade para serem aferidos, particularmente em turmas compostas majoritariamente por crianças brancas. Sugerem a necessidade de estratégias pedagógicas que promovam reflexões significativas sobre as relações étnico-raciais também entre aqueles que não sofrem diretamente as experiências do racismo.

Na última etapa da pesquisa-ação, um questionário foi aplicado a 28 crianças, sendo 13 do grupo de trabalho e 15 de outras turmas de 4º ano, com objetivo de avaliar a efetividade dos procedimentos adotados. Entre as dez crianças com melhor desempenho, oito eram do grupo de trabalho. As crianças que não participaram do grupo de trabalho apresentaram as mesmas dificuldades identificadas na avaliação inicial: diferenciar racismo de outras formas de preconceito e discriminação; identificar situações de racismo menos evidentes; saber como se portar frente a situações de racismo; falta de conhecimento sobre as cores e raças definidas pelo IBGE; e falta de associação entre os anos de escravidão e a configuração atual da sociedade.

Na Escola Municipal Quilombola Professora Lydia Sherman, por meio da observação direta e participante, foi possível identificar um engajamento dos

² O documento "Indicadores da qualidade na educação: relações raciais na escola – Antirracismo em movimento" propõe indicadores de ações de uma escola considerada de boa qualidade de relações raciais. Os indicadores correspondem a sete dimensões: 1. Atitudes e relacionamentos; 2. Currículos e proposta político-pedagógica; 3. Recursos didáticos e paradidáticos; 4. Acesso, permanência e sucesso na escola; 5. A atuação das profissionais de educação; 6. Gestão democrática; 7. Para além da escola: a relação com o território. Alguns projetos participantes utilizaram essa publicação como subsídio, mas foram orientados a buscar, em vez de indicadores de ações antirracistas de profissionais da escola, indicadores de aprendizagem antirracista de estudantes.

estudantes nas atividades do projeto antirracista, com demonstração de curiosidade, interesse e participação ativa. Notaram-se reflexões relevantes e aprendizados sobre a história e a cultura afro-brasileira e afro-diaspórica. Com a coleta final de dados prevista para novembro de 2025, espera-se avaliar a consolidação dos aprendizados e os impactos do projeto na transformação das práticas escolares.

Na Escola Estadual de Educação Profissional Alan Pinho Tabosa, os resultados dos seminários temáticos sobre o continente africano e a cultura afro-brasileira foram avaliados como satisfatórios. Os estudantes demonstraram entusiasmo significativo e engajamento nas atividades, denotando uma resposta positiva à abordagem pedagógica adotada.

Na Escola Municipal Antonio Coelho Ramalho, o principal resultado alcançado foi a possibilidade de superar a naturalização e a invisibilidade do racismo, encontrando caminhos concretos para sua superação.

Na Escola Municipal Baniwa Eeno Hiepole, os resultados incluíram a elaboração de indicadores específicos³ (Apêndice 6), o envolvimento efetivo de professores no projeto, a produção de relatório de observações e a mobilização tanto de estudantes quanto de professores para ações de educação antirracista alinhadas aos saberes baniwa tradicionais.

Na Escola Pluricultural Odé Kayodê, o projeto possibilitou fomentar “uma prática educativa mais consciente, inclusiva e transformadora, orientada por perspectivas antirracistas que valorizam ancestralidade, cultura e identidade dos estudantes”. As oficinas de modelagem em barro contribuíram para o desenvolvimento de “competências socioemocionais”, como empatia, protagonismo e autoconhecimento, especialmente entre crianças da educação infantil e dos anos iniciais do ensino fundamental. Segundo a agente mobilizadora, foi construída uma cultura escolar mais acolhedora, crítica e equitativa, na qual as múltiplas identidades presentes na escola foram reconhecidas e respeitadas, fortalecendo o vínculo afetivo e o senso de pertencimento das crianças ao território e à comunidade. Criaram-se mais

³ Nessa escola, para elaborar indicadores de aprendizagem, também foi utilizado como subsídio o documento “Indicadores da qualidade na educação: relações raciais na escola – Antirracismo em movimento”. Foi feita uma adequação à realidade da comunidade indígena, na qual não ocorrem desigualdades interraciais, lugar em que não seria apropriado falar de racismo. Relações discriminatórias análogas são expressões de desigualdades entre pessoas de diferentes clãs de uma mesma etnia. Uma hierarquia de clãs está inscrita nas narrativas míticas, nas quais as primeiras pessoas que surgiram são consideradas “irmãos mais velhos”, a quem as demais devem obediência e reverência.

espaços de escuta e expressão que favoreceram a reflexão sobre as próprias identidades, ao mesmo tempo em que foram produzidos subsídios teóricos e práticos capazes de inspirar outros educadores interessados em ações pedagógicas antirracistas.

Na Escola Municipal de Ensino Fundamental Desembargador Amorim Lima, foram alcançados seis resultados principais. Realizou-se formação de educadores sobre a proposta teórico-metodológica "pretagogia" com Sandra Petit, ampliando o repertório teórico e prático para a revisão dos roteiros de pesquisa de estudantes. A visita à escola comunitária Luiza Mahin inspirou a incorporação de saberes comunitários e estratégias pedagógicas antirracistas nas práticas da instituição. Foi realizada uma análise crítica dos roteiros de pesquisa existentes, identificando ausências de autores negros, temas africanos tratados superficialmente e vieses eurocêntricos que perpetuavam perspectivas limitadas sobre a história e cultura brasileiras. Criaram-se, ainda, dispositivos colaborativos, como planilhas de análise e rodas de conversa, para envolver educadores e estudantes no processo de revisão crítica dos roteiros de pesquisa de estudantes. Também se iniciou a revisão dos roteiros para o próximo ano letivo, com base nos marcadores de africanidades, na qual se apoia a continuidade da educação antirracista na instituição.

Na Escola dos Sonhos, o questionário aplicado a 142 estudantes (10 a 14 anos) revelou informações importantes sobre a realidade da instituição. Verificou-se que 41 educandos/as (28,9%) afirmaram ter sofrido algum tipo de bullying. Entre os casos relatados, 8 educandos/as mencionaram ter sido vítimas especificamente de racismo, e 41 relataram outras formas de bullying, relacionadas à aparência e estilo, ao fato de serem chamados de "pobre", a brincadeiras de mau gosto, apelidos, intolerância religiosa, questões de gênero, gordofobia, magreza ou estatura. Questionados sobre a necessidade de apoio do Comitê de Equidade, 14 (13,6%) declararam necessitar deste acompanhamento. A categorização dos tipos de situações de bullying resultou na elaboração de duas estratégias principais de intervenção: a produção de um vídeo de animação e a realização de um desfile sobre aparência e estilo, complementados por uma roda de conversa com um psicanalista pai de estudantes da escola, abordando como

o racismo e outras formas de discriminação afetam emocionalmente os indivíduos.

A promoção do chá interativo com os 14 educandos/as que solicitaram apoio do Comitê permitiu identificar emoções e sentimentos diversos, como felicidade, ansiedade, tristeza, raiva, solidão, falta de amigos e alegria. O encontro criou um ambiente de partilha e segurança, incentivando os estudantes a compartilharem informações sobre quem havia praticado bullying com eles, facilitando o levantamento de dados sobre os autores de bullying na escola. Foram nomeados 13 estudantes como praticantes de algum tipo de situação preconceituosa. Nas entrevistas com esses/as educandos/as, a maioria reconheceu já ter praticado bullying e que, com a atuação do Comitê e outras ações da escola, interrompeu essas práticas. Alguns consideravam certos comportamentos como "normais" entre amigos, mas afirmaram que refletiriam para melhorar suas atitudes. Em relação às consequências de qualquer tipo de discriminação, apenas uma criança declarou não saber; os demais apresentaram relatos reconhecendo o impacto do preconceito na vida do outro.

Conclusões que chegaram das escolas

Na Escola Municipal Anne Frank, considerou-se que ainda é cedo para estabelecer conclusões definitivas sobre a hipótese examinada, uma vez que o processo de pesquisa ainda estava em desenvolvimento e aguardava a realização de etapas finais do projeto.

No IFSP-São Roque, foi confirmada a presença e a importância da educação antirracista nos documentos institucionais analisados, particularmente no *Projeto político-pedagógico institucional* e nos projetos pedagógicos de curso. Além disso, foram obtidos dados que apontam para desafios e dificuldades enfrentados pelos educadores na implementação da educação antirracista. A pesquisa verificou, ainda, a heterogeneidade da visão sobre educação antirracista e a diversidade de aprofundamento dos docentes no tema. Isto significa que, embora a instituição invista significativamente na formação continuada sobre essa temática, ainda há necessidade de expandir sua incorporação nas práticas pedagógicas cotidianas.

Na Escola da Prefeitura de Guarulhos Professor Edson Nunes Malecka, concluiu-se que os indicadores citados como difíceis de se traduzirem em critérios avaliativos mostraram-se realmente desafiadores de se observar dentro das dinâmicas experimentadas no projeto. Além disso, alguns indicadores que inicialmente acreditava-se serem já aplicáveis à avaliação de aprendizagem demonstraram ser também complexos de se observar no escopo da pesquisa. Particularmente significativo foi o achado de que a manifestação de alguns dos indicadores dependeu substancialmente da cor e raça da criança observada, sendo determinantes para a vivência e reconhecimento de práticas antirracistas.

Na Escola Municipal Quilombola Professora Lydia Sherman, as observações trouxeram indícios positivos sobre a hipótese examinada, mas o curto tempo disponível e o planejamento de continuidade das ações do projeto levaram a postergar para novembro de 2025 a aplicação da etapa final do questionário e a sistematização dos dados obtidos. A expectativa é que essa coleta complementar permita uma avaliação consolidada dos resultados do projeto, viabilizando conclusões sobre a hipótese.

Na Escola Estadual de Educação Profissional Alan Pinho Tabosa, a equipe acredita que foi possível estabelecer uma conclusão sobre a hipótese. Para ela, o conhecimento geral sobre a cultura afro-brasileira e africana acarreta uma reflexão mais profunda sobre a construção social, possibilitando aos educandos o desenvolvimento integral de suas capacidades. Confirmou-se, portanto, a hipótese inicial de que a imersão em conteúdos relacionados à história e cultura africanas e afro-brasileiras promove não apenas aprendizagem factual, mas também o desenvolvimento holístico dos estudantes.

Na Escola Municipal Antonio Coelho Ramalho, evidenciou-se que a formação continuada abordando o racismo como estrutural e institucional possibilita identificar situações no cotidiano escolar, combatendo a naturalização e invisibilidade do racismo. Esta abordagem teórica permitiu, ainda, a inclusão de conteúdos e materiais que valorizam a história e cultura afro-brasileira nas práticas pedagógicas.

Na Escola Municipal Baniwa Eeno Hiepole, foi possível estabelecer uma conclusão positiva sobre a hipótese. A equipe conseguiu realizar observação do público-alvo destacado para acompanhamento e envolvimento das demais

turmas em observações coletivas. Este resultado indicou que a construção coletiva de conhecimentos, integrando saberes tradicionais baniwa e narrativas orais, de fato promove um engajamento que permite tanto o acompanhamento individualizado quanto a mobilização coletiva de estudantes e comunidade.

Na Escola Pluricultural Odé Kayodê, a conclusão sobre a hipótese foi fundamentada nos depoimentos do professor de modelagem em barro. Através das oficinas de modelagem, as crianças conheceram a história por trás da tradição do saber fazer cerâmica, muito ligada às famílias negras da cidade de Goiás. Conhecer essa tradição local permitiu valorizar e compreender o processo de resistência do povo negro local. A hipótese de que práticas educacionais ancoradas em saberes ancestrais e culturais específicos promovem maior engajamento e desenvolvimento integral foi, portanto, corroborada pela experiência.

Na Escola Municipal de Ensino Fundamental Desembargador Amorim Lima, ainda não tinha sido possível estabelecer uma conclusão definitiva sobre a hipótese, pois o processo de revisão dos roteiros estava em andamento. No entanto, os primeiros indícios sugeriram que a incorporação dos marcadores de africanidades tem potencial para aumentar a representatividade negra, a relevância cultural das atividades e um fazer pedagógico crítico dos educadores, conforme previsto na hipótese. Estes indicadores preliminares apontaram para a viabilidade da abordagem proposta, ainda que conclusões definitivas dependerão da continuação do processo de revisão e sua implementação completa.

Na Escola dos Sonhos, as ações do Comitê Estudantil de Equidade contemplaram a diversidade de público presente na escola, considerando aspectos de gênero, inclusão de pessoas com deficiência e questões raciais. O caráter formativo das ações foi evidenciado no planejamento dos próprios educandos ao trazerem práticas educativas que favorecem discussões e fortalecem a interação entre estudantes, considerando os aspectos socioemocionais. Foi estabelecida uma melhora nas relações interpessoais entre os estudantes a partir das mediações de situações envolvendo preconceito. Particularmente significativo foi o achado de que, através das mediações realizadas pelo Comitê, houve avanços no respeito à diversidade racial,

evidenciados pela não recorrência de situações similares mediadas pelo comitê no período da pesquisa, após a resolução de conflitos que abordou este aspecto.

Indicadores de aprendizagem

A construção de indicadores de aprendizagem representa um desafio fundamental para as instituições educacionais que se comprometem com a promoção de uma educação antirracista e transformadora. Apresentam-se a seguir os indicadores de aprendizagem elaborados e experimentados pelas dez unidades do programa Escolas2030 participantes da chamada para projetos de educação antirracista. Em diferentes realidades educacionais, criaram seus próprios dispositivos de monitoramento e avaliação das aprendizagens. Os indicadores aqui expostos refletem os avanços, desafios e possibilidades de uma educação que se propõe a romper com as estruturas racistas e promover relações mais equitativas e humanizadoras.

Na Escola Indígena Baniwa Eeno Hiepole, a elaboração de indicadores de aprendizagem partiu de especificidades do povo Baniwa, considerando a dimensão de "Atitudes e relacionamentos" como central. Com base em diálogos entre professores da escola e membros da comunidade, os indicadores focalizaram a aprendizagem Colaboração, priorizando o combate ao que foi nomeado como "racismo" na comunidade indígena. Estritamente, não estava se referindo à racialização ou a relações interraciais. O que se abordou foi a desigualdade no tratamento entre pessoas de diferentes clãs, os quais, no interior de um mesmo povo, estão colocados em uma hierarquia de explicação mítica, como a sequência dos grupos que foram surgindo e dando origem aos Baniwa. Os clãs de status mais elevado são considerados como "irmãos mais velhos", aos quais se deve deferência. Os indicadores estabelecidos incluem:

Estudante defende colega de outro clã contra xingamentos, piadas e apelidos discriminatórios;

Estudante quebra o silêncio e muda o olhar para desnaturalizar o racismo contra colega de outro clã;

Estudante manifesta afeto e atenção e fortalece relações de amizade com colega de outro clã;

Estudante reconhece, elogia e valoriza o corpo e a estética (beleza) de colega de outro clã;

Estudante ajuda colega de outro clã a ocupar lugares de poder, integrando grupos de trabalho, sendo representante de turma ou compondo times esportivos.

Para além da dimensão de "Atitudes e relacionamentos", na Escola Baniwa também se estabeleceram indicadores para a dimensão de "Recursos didáticos e paradidáticos", reconhecendo a importância de materiais culturalmente relevantes na promoção de uma educação antirracista. Os indicadores adotados nessa dimensão englobam:

Quantidade de recursos didáticos em diferentes línguas e sobre diferentes etnias e clãs na escola;

Uso de recursos didáticos em diferentes línguas e sobre diferentes etnias e clãs na escola;

Manutenção e ampliação de recursos didáticos em diferentes línguas e sobre diferentes etnias e clãs na escola.

A experimentação desses indicadores ocorreu através de diálogo com professores da escola e com comunitários, bem como em momentos de interação de estudantes, dentro e fora da sala de aula.

Na Escola Municipal Antonio Coelho Ramalho, os indicadores foram estruturados a partir de duas aprendizagens: Protagonismo e Colaboração. Foram elaborados com base no documento "Indicadores da Qualidade na Educação – Relações Raciais na Escola: Antirracismo em Movimento", aproveitado em uma proposta que privilegia a escuta das crianças e educadores. Para a aprendizagem Protagonismo, foram definidos os seguintes indicadores:

Exterioriza sua opinião;

Age na realização das ideias;

Age na realização de ideias de outras pessoas, especialmente contra xingamentos, piadas e apelidos discriminatórios e racismo religioso;

Quebra de silêncio e mudança de olhares para desnaturalizar o racismo;

Manifestação de afeto, atenção e fortalecimento das relações de amizade;

Reconhecimento do corpo e da estética (beleza) negra;

Construção positiva do pertencimento racial;

Valorização das meninas e mulheres negras.

Os indicadores de Colaboração nessa mesma escola incluem:

Concebe e executa tarefas em acordo mútuo;

Ajuda colegas com manifestação de afeto e atenção;

Fortalecimento de relações de amizade;

Reconhecimento do corpo e da estética (beleza) negra;

Construção positiva do pertencimento racial;

Valorização das meninas e mulheres negras.

A experimentação desses indicadores ocorreu nos intervalos e momentos livres, nos trabalhos em grupo e rodas de conversa dirigidas. Foram utilizadas planilhas de registro que permitissem a documentação sistemática das observações realizadas. Nessa abordagem, os instrumentos empregados facilitaram o monitoramento contínuo das aprendizagens antirracistas no cotidiano escolar.

Na Escola da Prefeitura de Guarulhos Professor Edson Nunes Malecka, os indicadores emergiram de uma construção processual, atenta às necessidades e realidades das crianças. Os indicadores se alinharam com a aprendizagem Protagonismo e a aprendizagem Autoconhecimento, sendo assim enunciados:

Compreensão de que o racismo ainda está presente e reflete na estrutura da sociedade brasileira;

Capacidade de identificar e apontar os reflexos do racismo na estrutura socioeconômica do país, relacionando desigualdades a fatores raciais;

Conhecimento das cores e raças oficialmente reconhecidas pelo IBGE, demonstrando entendimento da diversidade racial existente no Brasil;

Habilidade em diferenciar racismo de outras formas de discriminação, tais como bullying, injúria racial, gordofobia, LGBTQIAPN+fobia, misoginia e xenofobia, entre outras;

Uso correto e confiante dos termos de cor ou raça conforme definidos pelo IBGE, sem constrangimento ou vergonha, refletindo respeito e valorização da identidade racial.

Em torno desses indicadores foram feitas observações, análises e intervenções, visando a alcançar e monitorar o progresso das crianças no Autoconhecimento e no Protagonismo em relação à educação antirracista. A elaboração dos indicadores levou à composição de uma tabela destinada a orientar a observação das crianças quanto às interseções entre indicadores de educação antirracista e as formas de expressão infantis. Durante o processo, notou-se que certas expressões correspondentes aos indicadores precisavam ser contextualizadas para corresponder às especificidades do grupo. Assim, a equipe refez os indicadores baseando-se nas dificuldades e lacunas identificadas durante a prática.

Na Escola Municipal Quilombola Professora Lydia Sherman, os indicadores de aprendizagem foram definidos para avaliar o nível de "conscientização racial" de estudantes do ensino fundamental 1, a partir de práticas antirracistas, lúdicas e interdisciplinares. São os seguintes:

Interesse e valorização por culturas afro-brasileiras e afro diaspóricas;

Empatia e respeito por colegas de diferentes origens étnico-raciais;

Apropriação de conceitos relacionados ao racismo e à justiça social;

Participação ativa e protagonismo nas atividades propostas;

Capacidade de identificar e rejeitar comportamentos preconceituosos.

Esses indicadores foram construídos considerando a faixa etária dos estudantes, priorizando uma abordagem lúdica e interdisciplinar das práticas antirracistas. A experimentação ocorreu por meio da aplicação de questionários como linha de base, mapeando o conhecimento prévio dos estudantes sobre racismo, identidade negra e diversidade. Com essa abordagem, identificaram-se lacunas nas compreensões infantis e se orientaram intervenções de forma mais precisa. Os indicadores foram pensados para permitir mensuração do impacto do projeto ao longo do ano letivo, com um desenho avaliativo que conjuga dados quantitativos e qualitativos das aprendizagens antirracistas.

Na Escola Estadual de Educação Profissional Alan Pinho Tabosa, procurou-se centrar nas “competências socioemocionais dos estudantes” ao longo da pesquisa-ação. Verificou-se que estudantes envolvidos ativamente no projeto “desenvolveram suas lideranças, empatia, autodeterminação e responsabilidade, melhorando o trabalho em equipe e desenvolvendo solidariedade e cooperação com colegas”. Entretanto, não se chegou a criar ou adotar indicadores de avaliação. Fizeram-se observações durante seminários sobre o continente africano e a cultura afro-brasileira, e após palestras sobre autodeclaração racial, momentos em que os estudantes puderam expressar suas aprendizagens e refletir sobre as temáticas abordadas.

Na Escola Pluricultural Odé Kayodê, os indicadores de aprendizagem antirracista foram elaborados numa perspectiva que integra múltiplas dimensões da formação humana:

Valorização da ancestralidade e identidade: incluindo crianças que reconhecem e narram elementos da própria história e cultura, demonstrações de orgulho em relação à identidade étnico-racial;

Desenvolvimento de competências socioemocionais: englobando capacidade de autorreflexão e autoconhecimento verbalizados durante as oficinas;

Respeito à diversidade e práticas antirracistas: incluindo posturas de acolhimento e respeito frente às diferenças culturais e raciais, redução de comportamentos de exclusão ou preconceito no cotidiano escolar.

Adicionalmente, na Odé Kayodê, estabeleceram-se indicadores para "Engajamento nas práticas artísticas e culturais" com participação ativa nas oficinas de modelagem em barro; produção de peças que expressem elementos culturais, identitários e comunitários; capacidade de relacionar a prática artística com saberes tradicionais.

Os indicadores de "Sentido de pertencimento ao território e à comunidade" englobam crianças que expressam vínculo afetivo com a escola, o bairro ou a comunidade; participação em rodas de conversa, trazendo experiências próprias e familiares; identificação do espaço escolar como lugar de escuta e acolhimento.

Também se estabeleceram indicadores relativos à "Produção coletiva de saberes": elaboração de narrativas e registros que integrem saberes tradicionais e novos aprendizados através de uma exposição; cooperação em atividades coletivas, evidenciando a construção compartilhada do conhecimento.

Por fim, indicadores de "Impacto nas aprendizagens formais e integrais" com a ampliação da linguagem oral e da capacidade de argumentar em discussões coletivas; desenvolvimento de habilidades motoras e criativas nas atividades manuais; demonstração de atitudes críticas diante de situações de desigualdade.

Além da diversidade de indicadores elaborados, a equipe reconheceu dificuldades na experimentação, apontando a necessidade de orientação mais precisa nos processos de operacionalização dos instrumentos avaliativos.

Na Escola Municipal de Ensino Fundamental Desembargador Amorim Lima, os indicadores de aprendizagem foram estruturados em torno do processo de revisão crítica dos roteiros de pesquisa de estudantes à luz dos "marcadores de africanidades":

Aumento da representatividade, mensurado pela quantidade de autores negros e temas africanos incluídos nos roteiros revisados;

Participação ativa, avaliada pelo engajamento de educadores e estudantes nas discussões e revisões dos roteiros;

Colaboração, aferida pela frequência e qualidade das interações entre educadores e estudantes durante as atividades;

Empatia, identificada através de relatos de estudantes e educadores sobre a valorização de diferentes saberes e vivências.

Esses indicadores foram elaborados coletivamente, a partir das discussões nos grupos de trabalho e rodas de conversa, com base nos "marcadores de africanidades". Foram sendo experimentados por meio da análise dos roteiros de pesquisa revisados e do acompanhamento das atividades cotidianas da escola, em processo de pesquisa-ação que inclui a sistematização das aprendizagens pretendidas.

Na Escola dos Sonhos, os indicadores de aprendizagem antirracista foram elaborados a partir da categorização de dados obtidos num questionário aplicado a 142 estudantes da escola. Os indicadores estabelecidos foram:

Reconhecer e relatar situações de preconceito vividas ou testemunhadas na escola, demonstrando confiança ao solicitar o apoio do Comitê de Equidade;

Participar de chás interativos, expressando seus sentimentos e escutando com empatia os colegas;

Refletir criticamente sobre comportamentos próprios e de colegas, reconhecendo atitudes preconceituosas e propondo formas de compreender como essas ações afetam a vida do outro;

Aplicar as estratégias de resolução de conflitos, intervindo e apoiando os colegas diante de situações de preconceito na escola.

A experimentação dos indicadores ocorreu durante ações voltadas à sensibilização e à promoção de atitudes respeitadas, tais como chás interativos, mediações de conflitos, rodas de conversa com profissionais especializados, produção de vídeos de animação e desfiles sobre aparência e estilo. A avaliação das atividades possibilitou verificar avanços no reconhecimento das próprias atitudes, na empatia e na busca de apoio dos educandos.

No IFSP-São Roque, os indicadores de aprendizagem antirracista foram estruturados numa perspectiva institucional mais ampla. Foram estes os indicadores estabelecidos:

Efetividade dos documentos institucionais nas práticas pedagógicas da escola, indicando a concepção de educação antirracista presente na instituição;

Desafios e dificuldades enfrentadas pelas docentes para implementar a educação antirracista;

Coleta e sistematização de dados que auxiliam a escola a identificar demandas por formação continuada de educadoras e educadores.

Esses indicadores foram elaborados no início do projeto com base na hipótese levantada pela equipe. A partir destes, foram selecionados os documentos institucionais visando a observar e analisar de que forma estavam presentes conceitos, práticas, propostas e concepções de educação antirracista. A experimentação dos indicadores ocorreu por meio da análise de documentos institucionais, da aplicação de questionários a docentes e da observação de ações escolares.

Na Escola Municipal Anne Frank, não foram definidos propriamente indicadores de aprendizagem, tendo havido uma aproximação incipiente na abordagem de "monitoramento", "desempenho" e "qualidade". Com esses pontos como referência, fizeram-se diálogos diretos com estudantes, professores e famílias a fim de compreender como diferentes percepções sobre educação antirracista se manifestam nos segmentos da comunidade escolar.

Os indicadores de aprendizagem elaborados pelas escolas participantes do programa Escolas2030 retratam tanto avanços quanto desafios importantes na construção de instrumentos avaliativos para a educação antirracista. Um desafio recorrente diz respeito ao "tempo insuficiente" para a consolidação de todas as etapas da pesquisa-ação, especialmente considerando a dificuldade de se revisitar práticas pedagógicas consolidadas e reimaginar dispositivos de avaliação. Em vários casos, isso impactou o planejamento, a execução e análise nos projetos de pesquisa-ação.

Outro desafio refere-se à "complexidade da temática" e à "necessidade de aprofundamento teórico e prático", que demanda recursos e formação continuada. Na Escola Pluricultural Odé Kayodê, por exemplo, apontaram-se

dificuldades na experimentação de indicadores, particularmente na falta de orientação mais precisa para operacionalização dos instrumentos avaliativos.

A "escassez de recursos humanos" também emerge como barreira na implementação de processos avaliativos. Escolas com muitos estudantes e múltiplas demandas pedagógicas encontraram dificuldades em realizar observações qualificadas e sistemáticas que permitissem experimentar indicadores complexos. Essa limitação levou algumas instituições, inclusive uma pequena, a reformulações, como a criação de grupos de trabalho reduzidos ou a priorização de certas dimensões avaliativas em detrimento de outras.

Além de desafios, houve relatos de constatações significativas. Uma destas se refere à "importância de flexibilidade e contextualização" dos indicadores. Na escola Professor Edson Nunes Malecka, reconheceu-se que certos indicadores precisam ser adaptados para refletir as especificidades do grupo e das práticas pedagógicas adotadas, modificando-se continuamente conforme a realidade da comunidade escolar.

Outra observação foi quanto ao valor de "processos participativos" na elaboração e experimentação de indicadores. Nas escolas em que estudantes, educadores, famílias e comunidade estiveram envolvidos na construção dos indicadores, houve maior engajamento e relevância dos instrumentos avaliativos.

Os indicadores estão relacionados às aprendizagens Colaboração, Empatia, Protagonismo, Autoconhecimento ou Criatividade, em diferentes contextos educacionais. Desde a escola indígena a instituições de educação profissional, dos contextos comunitários a instituições consolidadas de inovação pedagógica, todas essas experiências trouxeram indicadores que vão além de simples medições cognitivas, buscando capturar transformações atitudinais, comportamentais e relacionais.

Essa iniciativa de elaboração de indicadores de aprendizagem antirracista não foi um processo finalizado, permanecendo um trabalho contínuo de investigação, revisão e aprofundamento. Nas escolas participantes demonstrou-se disposição de formular os próprios indicadores, experimentá-los criticamente e ajustá-los conforme necessário. Esse processo de ação e reflexão, de planejamento e prática, caracteriza a pesquisa-ação como método apropriado para gerar conhecimento sobre educação antirracista.

Segundo as informações das equipes das escolas participantes, deduz-se que a consolidação dos indicadores formulados como ferramentas efetivas de monitoramento e transformação depende de investimento em: formação continuada de educadores sobre avaliação e educação antirracista; alocação de tempo institucional para planejamento e reflexão coletiva; recursos humanos e materiais que permitam observações qualificadas; e apoio técnico especializado no processo de experimentação e refinamento dos indicadores. Adicionalmente, o compartilhamento dos indicadores utilizados nas escolas em redes e coletivos de educadores, é uma condição para promoverem aprendizagens mútuas e produção de conhecimento coletivo sobre avaliação em educação antirracista.

Intercâmbio e uso dos recursos

O programa Escolas2030, em seu compromisso com a educação integral e transformadora, estabeleceu como requisito para as escolas participantes da chamada de projetos em educação antirracista a realização de intercâmbios entre as instituições selecionadas. Essa exigência não era uma formalidade, expressava a importância do aprendizado colaborativo, do diálogo entre pares e da composição de redes de educadores e comunidades escolares comprometidas com o antirracismo. Além disso, em cada escola era preciso dedicar esforços significativos à mobilização local, envolvendo estudantes, professores, famílias e demais integrantes da comunidade na realização da pesquisa-ação.

A seguir apresentam-se as experiências vividas por integrantes das dez escolas participantes em suas visitas de intercâmbio, bem como sua articulação com as estratégias de mobilização comunitária desenvolvidas e as considerações sobre a suficiência de recursos financeiros destinados ao projeto.

O programa transferiu mil dólares (aproximadamente R\$ 5.500) para cada uma das dez escolas, com o compromisso de utilização exclusiva nas atividades do projeto, incluindo intercâmbios e participação em curso de extensão universitária oferecido pela Feusp. A pergunta sobre a suficiência desses recursos revelou divisões significativas entre as instituições. Em quatro escolas os recursos foram considerados suficientes para a execução da pesquisa: a Escola Municipal Anne Frank (Belo Horizonte, MG), a Escola da Prefeitura de Guarulhos Professor

Edson Nunes Malecka (Guarulhos, SP), a Escola Municipal Quilombola Professora Lydia Sherman (Búzios, RJ) e a Escola dos Sonhos (Bananeiras, PB). No entanto, as outras seis indicaram que os recursos não foram suficientes: o IFSP-São Roque, a Escola Estadual de Educação Profissional Alan Pinho Tabosa (Pentecoste, CE), a Escola Municipal Antonio Coelho Ramalho (Ibiúna, SP), a Escola Municipal Baniwa Eeno Hiepole (São Gabriel da Cachoeira, AM), a Escola Pluricultural Odé Kayodê (Goiás, GO) e a Escola Municipal de Ensino Fundamental Desembargador Amorim Lima (São Paulo, SP).

Os recursos foram considerados insuficientes devido a desafios particularmente relacionados a fatores geográficos e logísticos. No caso da Escola Municipal Baniwa Eeno Hiepole, localizada em São Gabriel da Cachoeira, no Amazonas, os custos de deslocamento são extraordinários. O relatório de intercâmbio menciona despesas com logística da comunidade Canadá até o núcleo urbano do município de São Gabriel da Cachoeira, combustível, passagens aéreas, estadia em Manaus e alimentação, totalizando um valor que ultrapassava em muito os mil dólares disponíveis. Similarmente, instituições nas regiões Nordeste e Centro-Oeste enfrentaram custos elevados de transporte e hospedagem para realizar as visitas de intercâmbio em outras regiões do país.

Apesar da constatação de insuficiência de recursos, as equipes das escolas demonstraram criatividade e determinação na utilização dos valores recebidos. A da Escola da Prefeitura de Guarulhos Professor Edson Nunes Malecka, adquiriu livros, materiais artísticos e culturais com temática antirracista e de autores migrantes, negros e indígenas. A Escola Municipal de Ensino Fundamental Desembargador Amorim Lima dedicou parte dos recursos para formação dos educadores, bem como para a contratação de profissional revisor para o relatório técnico.

A realização de visitas de intercâmbio entre as escolas foi um dos momentos mais significativos dos projetos, permitindo que educadores, gestores e, em algumas instituições, estudantes, vivenciassem *in loco* práticas educacionais antirracistas em contextos distintos.

A equipe da Escola Municipal Anne Frank, de Belo Horizonte (MG), realizou intercâmbio com a Escola Municipal Quilombola Professora Lydia Sherman, em Búzios (RJ). Representando a instituição mineira, participaram a diretora e a

coordenadora de turno da educação infantil. Segundo o relatório da atividade, "foi a concretização de uma troca genuína de saberes, histórias, experiências e afetos entre duas realidades que, embora geograficamente distantes, se conectam pelo compromisso com uma educação transformadora, plural e equitativa".

De forma correlata, a equipe da Escola Municipal Quilombola fez duas visitas durante a realização da pesquisa-ação. Visitou a Escola Municipal de Ensino Fundamental Desembargador Amorim Lima, em São Paulo (SP) e relatou: "tivemos a alegria de sermos guiadas por duas estudantes que, a partir de seus olhares, nos apresentaram o espaço e a rotina escolar. Visitamos a Casa Sueli Carneiro⁴, espaço vizinho à escola, além de participarmos de duas rodas de conversa".

A mesma equipe da Escola Municipal Quilombola dedicou dois dias inteiros para visitar o IFSP- São Roque, conhecendo como uma instituição de educação profissional integrada ao ensino médio estrutura suas ações em torno da educação antirracista, ampliando a compreensão das possibilidades de implementação dessas práticas em diferentes níveis de ensino.

O pessoal do IFSP-São Roque, por sua vez, visitou a Escola Pluricultural Odé Kayodê, na cidade de Goiás (Goiás Velho). Conforme descreveram: "a experiência foi enriquecedora, e proporcionou uma vivência única dentro de uma proposta pedagógica que preza a ancestralidade, a coletividade e o fiel compromisso com a educação transformadora". Foi um encontro com uma escola comunitária cujas práticas são enraizadas em saberes ancestrais afro-brasileiros e na cultura local.

Cinco pessoas do corpo docente da Escola Estadual de Educação Profissional Alan Pinho Tabosa, de Pentecoste, no Ceará, visitaram a Escola dos Sonhos, em Bananeiras, na Paraíba. A comitiva participou de vivências durante dois dias e incluíram conhecimento sobre o Movimento PRECE, possibilitando que os professores paraibanos compreendessem melhor a experiência baseada em princípios de aprendizagem cooperativa e solidária dos cearenses.

Dois professores indígenas da Escola Municipal Baniwa Eeno Hiepole, localizada em São Gabriel da Cachoeira, no Amazonas, realizaram intercâmbio

⁴ Uma instituição negra dedicada à continuidade e expansão do legado político e intelectual de Sueli Carneiro, do movimento de mulheres negras e do movimento negro brasileiro. Atua por meio da memória, da educação, da cultura e da ação política, comprometidas com a construção de justiça racial (cf. <https://casasuelicarneiro.org.br/sobre-a-casa/>).

com outra integrante do Coletivo Escolas2030, em Manaus. O relatório da atividade descreve a acolhida: "A equipe gestora da Escola Waldir Garcia recebeu os professores da Escola Baniwa Eeno Hiepole composta de Isaías Jairo da Silva (Agente mobilizador e Juvêncio da Silva Cardoso - Dzoodzo), no primeiro momento a equipe gestora deu boas-vindas, gravando dois vídeos pequenos ao encontro de escolas". A visita propiciou a troca de experiências e trocas simbólicas e culturais. Os visitantes entregaram "cartas escritas por estudantes Baniwa como forma de intercâmbio com os alunos da Escola Municipal Waldir Garcia", alcançando-os diretamente, criando vínculos de solidariedade e reconhecimento mútuo entre comunidades escolares em diferentes territórios.

O grupo da Escola Municipal de Ensino Fundamental Desembargador Amorim Lima, em São Paulo, realizou visita a outra integrante do Coletivo Escolas2030. O relatório da iniciativa afirma que "a visita da nossa equipe da Amorim Lima à Escola Comunitária Luiza Mahin, em Salvador, foi um encontro de duas histórias que se complementam". A narrativa destaca o valor dessa experiência ao reconhecer que encontraram "uma escola que nasceu da organização da comunidade para garantir o direito à educação onde o Estado não chegava. Essa história de resistência nos tocou profundamente, porque aqui na Amorim Lima também temos nossa própria história de transformação - de uma escola tradicional que se reinventou para melhor atender seus estudantes". A visita proporcionou especial atenção ao modo como a "cultura africana e afro-brasileira está integrada naturalmente no dia a dia da escola", revelando que a educação antirracista não se reduz à adição de conteúdos ao currículo, mas transforma as práticas e relações cotidianas.

Um grupo de quatro educadores e uma estudante da Escola dos Sonhos, de Bananeiras, PB, deslocou-se em direção à Escola Estadual de Educação Profissional Alan Pinho Tabosa, em Pentecoste, CE. O relatório descreve que "fomos acolhidos na 'Cidade do PRECE' pelo professor Andrade e sua família". No dia seguinte, a comitiva participou "de uma visita guiada ao memorial da escola, que nos permitiu conhecer como tudo começou, sob um juazeiro, um grupo de jovens perseverou e abriu caminhos para que outros estudantes sonhassem e ocupassem as universidades". Nesse encontro, o grupo de Bananeiras conheceu

a história do Movimento PRECE, uma "experiência inspiradora" que enfatiza "aprendizagem cooperativa e solidária".

Paralelamente às experiências de intercâmbio, em cada uma das dez escolas dedicaram-se esforços à mobilização de suas comunidades para engajamento na pesquisa-ação. As estratégias adotadas revelam criatividade, diversidade de abordagens e, em alguns casos, a tensão entre os objetivos ambiciosos da mobilização e as realidades institucionais enfrentadas.

Na Escola Municipal Anne Frank, a mobilização incluiu "exposições, festas, informes, projetos de leitura", integrando esses momentos como oportunidades de engajamento e diálogo sobre educação antirracista. Na Escola Municipal de Ensino Fundamental Desembargador Amorim Lima, houve "reuniões com educadores e estudantes para apresentar os objetivos da pesquisa-ação", "criação de grupos de trabalho mistos (educadores e estudantes) para análise dos roteiros [de estudos]", uso de "dispositivos colaborativos, como planilhas online e rodas de conversa, para garantir participação ampla", além de ações de formação de docentes "com especialista, Sandra Petit, para fortalecer o embasamento teórico e motivar o engajamento". Essa instituição também estabeleceu "parceria de estudo e pesquisa com a Casa Sueli Carneiro, tanto com educadores quanto com estudantes".

Na Escola da Prefeitura de Guarulhos Professor Edson Nunes Malecka a mobilização da comunidade escolar foi em etapas: "teve início com a apresentação do projeto ao corpo docente, momento em que foram compartilhados os objetivos da pesquisa, sua relevância no contexto da Educação Antirracista e a proposta de trabalho com foco no protagonismo e no autoconhecimento das crianças". Em seguida, "foi feita a solicitação de produções escritas a todas as turmas de 4º ano, com base em perguntas orientadoras sobre o tema do racismo, a fim de compreender o que os alunos já sabiam e pensavam sobre o assunto". Esse movimento envolveu professores e estudantes em todas as turmas, mesmo sendo a observação realizada apenas com um grupo. Adicionalmente, houve ações de formação específicas para os professores.

Na Escola Municipal Antonio Coelho Ramalho encaminhou-se estratégia semelhante, duas reuniões envolvendo toda a equipe escolar (docentes e não docentes): "A primeira na reunião do Conselho de Escola do 1º bimestre, onde

realizamos o estudo do documento Indicadores da Qualidade na Educação – Relações Raciais na Escola. O segundo encontro firmamos parceria com a Secretaria Municipal de Educação e os alunos foram dispensados da aula e realizamos uma formação com o tema 'Por que uma educação antirracista?' ministrado pelo Coletivo Encrespades⁵ (pago com recurso do Programa Escolas 2030)".

Na Escola Municipal Quilombola Professora Lydia Sherman, foi divulgado o convite para compor o grupo de 10 escolas, criou-se um canal de comunicação por WhatsApp reunindo a equipe diretamente envolvida na pesquisa-ação, a equipe pedagógica e de assessoramento da escola: "Nesse espaço de diálogo, nos organizamos para planejar os cronogramas das ações do projeto de pesquisa-ação e das atividades criadas para receber a visitação das escolas parceiras."

A Escola Municipal Baniwa Eeno Hiepole faz parte da comunidade indígena local denominada Canadá, que se reúne diariamente. Houve diálogo para integrar os comunitários e explicar "para compreender a proposta de pesquisa e sua relevância para cotidiano de vivências na escola"

Na Escola Estadual de Educação Profissional Alan Pinho Tabosa, promoveu-se "conversa entre a comunidade escolar sobre uma educação diferenciada, refletir para além das disciplinas de português e matemática. Aos estudantes promovemos bonificações nas matérias e protagonismo na pesquisa". E na Escola dos Sonhos, o engajamento dos educandos na pesquisa se deu pela atuação do Comitê Estudantil de Equidade, a partir das estratégias de compartilhamento, "fortalecimento de vínculo afetivo e interação entre eles".

Mas foram também notáveis as limitações enfrentadas na mobilização comunitária. Sobre o IFSP-São Roque, relatou-se que o curto tempo disponível para o planejamento, realização da pesquisa e entrega do relatório somente possibilitou trabalhar junto a servidoras/es que já faziam parte da equipe base do programa Escolas2030: "Consideramos que isso possa ter influenciado no baixo número de respostas que obtivemos por parte de docentes no formulário aplicado (apenas 7 de 13 docentes aptas/os responderam à pesquisa)".

⁵ Composto por jovens da região do Jardim Ângela e Capão Redondo (São Paulo, SP), o grupo parte da implementação da lei 10.639/03, que determina o ensino obrigatório de História e Cultura Afrobrasileira nas escolas e o que permeia a vida nas periferias (cf. <https://emilia.org.br/politica-de-roda/>).

Na Escola Pluricultural Odé Kayodê também houve relevantes limitações: A mobilização ocorreu por meio da partilha da pesquisa em andamento durante as reuniões de planejamento com os educadores e nos encontros com as famílias. Todos tiveram ciência de fazer parte de um grupo de pesquisa-ação e dos objetivos do trabalho, no entanto, "reconhecemos que a participação e o engajamento efetivo da comunidade ainda se mantiveram tímidos, o que evidencia a necessidade de buscar novas estratégias de aproximação e envolvimento".

As experiências de intercâmbio e as estratégias de mobilização comunitária desenvolvidas nas dez escolas participantes do programa Escolas2030 exprimiram o potencial para a transformação de práticas educacionais e fortalecimento de compromisso com educação antirracista. Embora restritos recursos financeiros tenham gerado desafios, particularmente para escolas em regiões distantes de grandes centros, a criatividade e determinação possibilitaram vivências e aprendizados marcantes. As estratégias de mobilização comunitária, embora enfrentando escassez de tempo, recursos e estrutura institucional, exercitaram criatividade nas formas de engajamento de educadores, estudantes e famílias.

Avaliações

Avaliação do suporte oferecido pela Feusp

A assessoria especializada da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (Feusp) constituiu elemento intrínseco da chamada de projetos para elaboração e experimentação de indicadores de aprendizagem voltados ao antirracismo. A equipe de pesquisa-ação da Feusp, coordenada pelo professor Elie Ghanem e integrada pelos pesquisadores Douglas Ladislau, Bruna Chung e Fernando Tavares, prestou suporte técnico sistemático às dez escolas participantes ao longo de todo o processo.

As equipes das escolas opinaram sobre o suporte oferecido, explicitando os aspectos valorizados e fazendo sugestões de aprimoramento. As percepções aqui sistematizadas constituem subsídios para iniciativas similares e para

compreensão dos desafios inerentes à assessoria a projetos de pesquisa-ação em contextos educacionais diversos.

Nas dez escolas, reconheceu-se, em diferentes graus, a importância do suporte oferecido à implementação dos projetos de pesquisa-ação. As avaliações positivas centraram-se em três dimensões principais: a qualidade das reuniões de assessoria, a postura acolhedora e compreensiva da equipe assessora, e a contribuição do suporte para o fortalecimento das escolas como produtoras de conhecimento por meio da pesquisa-ação.

Segundo o relatório da Escola Municipal Anne Frank, de Belo Horizonte, o suporte foi "primordial, para que possamos aprender e ter acesso às outras várias práticas inovadoras de outras instituições". O relatório do IFSP-São Roque destacou que "o suporte foi adequado, as reuniões foram produtivas" e ressaltou que "a equipe foi acolhedora e compreensiva em relação às demandas e dificuldades enfrentadas pelo campus na condução da pesquisa-ação".

Na Escola da Prefeitura de Guarulhos Professor Edson Nunes Malecka a atuação da Feusp foi considerada "excelente, participativa, inclusiva". Também o relatório da Escola Municipal Quilombola Professora Lydia Sherman, em Búzios, avaliou o suporte como "excelente" e o da Escola Municipal Baniwa Eeno Hiepole afirmou que "foi muito relevante para desenvolvimento do projeto, acompanhamento via online", incluindo diálogo com professores sobre pesquisa-ação e observações controladas.

Na Escola Estadual de Educação Profissional Alan Pinho Tabosa, também se afirmou que o suporte foi bom e, na Escola dos Sonhos, destacou-se que "foi importante para que pudéssemos tirar dúvidas e receber orientações quanto à sistematização do que seria pesquisado".

O relatório da Escola Municipal Antonio Coelho Ramalho expressou compreensão especialmente clara sobre o papel da Feusp ao afirmar que "é essencial para a efetivação do projeto, visto que precisamos nos fortalecer como pesquisadores e para isso necessitamos de suporte teórico e prático". Também a partir da Escola Municipal de Ensino Fundamental Desembargador Amorim Lima, em São Paulo, afirmou-se que "foi fundamental para o desenvolvimento da pesquisa, especialmente na formação e acompanhamento".

Também foram apresentadas sugestões para aprimoramento do suporte oferecido pela Feusp, que podem ser organizadas em quatro eixos: realização de encontros coletivos entre as escolas participantes; ampliação da formação oferecida; maior sistematização e frequência das interlocuções de assessoria; e ampliação de recursos para intercâmbios e formação.

O IFSP-São Roque sugeriu "a realização de um evento para o compartilhamento de experiências entre as dez escolas participantes da pesquisa-ação sobre educação antirracista". É uma possibilidade de compartilhar desafios, estratégias e aprendizagens, para além do intercâmbio realizado entre pares de escolas, que fortaleceria o Coletivo Escolas2030 como rede comprometida com educação antirracista. Na mesma linha, o grupo da Escola Estadual de Educação Profissional Alan Pinho Tabosa sugeriu que as reuniões com os agentes mobilizadores poderiam envolver várias escolas ao mesmo tempo. O relatório da Escola Municipal Antonio Coelho Ramalho também reforçou essa percepção ao afirmar que "reuniões com duas ou mais escolas seria importante durante a execução do projeto".

Na Escola Municipal Quilombola Professora Lydia Sherman, sugeriu-se "a oferta de cursos paralelos sobre elaboração, desenvolvimento e gerenciamento de projetos e pesquisas". De forma aproximada, na Escola Municipal de Ensino Fundamental Desembargador Amorim Lima sugeriu-se ampliar "recursos para fornecer mais formação e visitas a outras experiências que fomentem as práticas antirracistas".

O relatório da Escola dos Sonhos apontou que o suporte oferecido "poderia ter sido mais sistematizado" e o grupo da Escola Pluricultural Odé Kayodê apresentou avaliação mais crítica, a assessoria não foi vista como parceria colaborativa, mas como monitoramento centrado no cumprimento de requisitos e prazos. Crítica que adverte para a necessidade de equilibrar monitoramento e prestação de contas com compromisso de construção colaborativa de conhecimento. Difere substancialmente das avaliações feitas em outras escolas, que caracterizaram a equipe da Feusp como "acolhedora", "compreensiva", "participativa" e "inclusiva".

Tanto as avaliações positivas quanto as sugestões de aprimoramento precisam ser compreendidas à luz dos desafios enfrentados na assessoria a

projetos de pesquisa-ação em contextos tão diversos. Em vários relatórios sublinhou-se que o prazo de aproximadamente três meses para elaboração e execução dos projetos foi curto demais frente à complexidade das demandas. Esse prazo impactou não apenas a execução dos projetos, mas também as possibilidades de assessoria sistemática pela equipe da Feusp. Reuniões mais frequentes, ações de formação mais extensas e encontros coletivos entre as escolas requereriam tempo maior, tanto para planejamento quanto para realização.

As dez escolas participantes estão em contextos extremamente diversos: escolas urbanas e rurais, de educação infantil e ensino fundamental, de ensino médio e educação profissional, escola quilombola e escola indígena, escolas municipais, estaduais e federais. Essa diversidade, embora seja riqueza do programa, é também um grande desafio para a assessoria, demanda formas específicas de suporte, e a equipe da Feusp precisou desenvolver capacidade de se ajustar às especificidades.

Ao mesmo tempo, projetos financiados por organizações filantrópicas, como é o caso do programa Escolas2030 apoiado pela Imaginable Futures, precisam prestar contas da utilização de recursos e do alcance de objetivos. Necessidade legítima que pode ter gerado a percepção de que a assessoria se concentrou excessivamente na cobrança de entregas e cumprimento de cronogramas. Os assessores da Feusp enfrentaram, portanto, o desafio de construir um apoio técnico simultaneamente formativo e orientado para parceria colaborativa, mas também capaz de assegurar que as escolas satisfizessem requisitos acordados, produzissem relatórios e prestassem contas adequadamente.

A sugestão do grupo da Escola dos Sonhos sobre maior sistematização do acompanhamento confere importância a definições claras sobre periodicidade das reuniões, formas de registro e pautas prioritárias desde o início do projeto. Assim, terão lugar expectativas realistas quanto ao suporte que receberão e a equipe assessora poderá distribuir tempo e atenção de forma mais equitativa entre as instituições participantes. Para organizações educativas com menor experiência em pesquisa pode ser necessário acompanhamento mais frequente e maior investimento em diálogo formativo.

Avaliação do processo de pesquisa-ação

A avaliação do processo de pesquisa-ação é necessária para a compreensão dos impactos que projetos dessa natureza podem gerar nas instituições educacionais. Para além da verificação do cumprimento de tarefas previstas ou da produção de relatórios e documentos, importa identificar as transformações que a pesquisa-ação promoveu nas práticas pedagógicas, nas relações interpessoais, na organização institucional e, especialmente, nas percepções e atitudes de estudantes, educadores e equipes gestoras.

As dez escolas participantes relataram impactos gerados pela realização dos projetos de pesquisa-ação, referentes a cinco dimensões: comportamental e atitudinal; sistematização e reflexão sobre práticas existentes; ampliação de recursos e conhecimentos; fortalecimento de identidades e protagonismo; e relações interpessoais e ambiente escolar.

Na Escola Municipal Anne Frank, de Belo Horizonte, identificaram-se "impactos positivos e mudanças tanto no comportamento individual quanto no coletivo". Essa avaliação, embora não detalhada, corresponde a transformações que ultrapassam a dimensão cognitiva, alcançando modos de agir e relacionar-se de estudantes e demais integrantes da comunidade escolar. A pesquisa-ação impactou também dinâmicas de grupo e relacionamentos entre diferentes segmentos.

Na Escola da Prefeitura de Guarulhos Professor Edson Nunes Malecka, relatou-se "notável diminuição da ocorrência de casos de racismo entre as crianças", indicador de mudança comportamental. Identificou-se também um "acréscimo do acervo bibliográfico, melhor entendimento da compreensão dos alunos e comunidade quanto a educação antirracista e maior visibilidade do assunto causado pelo desenvolvimento do projeto".

Na Escola Municipal Antonio Coelho Ramalho, em Ibiúna, relatou-se que "toda a escola deixou de naturalizar o racismo e entender seu processo histórico", a naturalização que constitui uma das principais barreiras para seu enfrentamento. Em continuação, relato afirma que "muitos estudantes negros se

mostraram autoconfiantes, exibindo com orgulho suas características físicas além de quebrarem o silêncio e aprenderem a identificar o racismo no cotidiano".

No IFSP, destacou-se ter sido possível "sistematizar o que está posto nos documentos institucionais sobre educação antirracista e iniciar um processo de identificação a respeito das formas como esses documentos se traduzem em práticas educativas". Reconheceu-se que "há muitas ações desenvolvidas, inclusive a partir das/os próprias/os pesquisadoras/es que não aparecem nas respostas ao formulário, justamente porque evitamos colocar informações sobre as nossas iniciativas". Também se identificou a "necessidade de realizar mais formações continuadas sobre a educação antirracista, talvez com uma mudança no enfoque da formação". A pesquisa-ação funcionou como dispositivo de identificação de lacunas e necessidades.

Na Escola Municipal de Ensino Fundamental Desembargador Amorim Lima, em São Paulo, relatou-se "maior conscientização sobre a importância de práticas antirracistas; engajamento de educadores e estudantes em discussões sobre diversidade e representatividade; início de uma revisão curricular que promove a valorização da cultura africana e afro-brasileira".

Na Escola Estadual de Educação Profissional Alan Pinho Tabosa, em Pentecoste, foi relatado o "reconhecimento dos estudantes sobre uma parte da história e a construção social do Brasil". Mencionou-se especificamente que estudantes passaram a "perceber que África é um continente" e "entender que também existem pessoas brancas nos países africanos", desconstruindo estereótipos.

Na Escola Municipal Quilombola Professora Lydia Sherman, a pesquisa-ação gerou "o engajamento dos estudantes nas atividades relacionadas à história e cultura afro-brasileira; a inclusão de novas práticas pedagógicas antirracistas no cotidiano escolar, buscando valorizar a diversidade e promovendo um ambiente mais inclusivo; o fortalecimento do protagonismo dos estudantes, a partir de espaços de diálogos entre educadores, alunos e a comunidade escolar, sobre diversidade, identidade e equidade racial".

Na Escola Municipal Baniwa Eeno Hiepole, afirmou-se que a pesquisa-ação havia "gerado transformações profundas e inspiradoras, especialmente no campo da educação antirracista e intercultural". Relatou-se também que "a escola

passou por um processo de renomeação e reconexão com sua identidade indígena", reforçando o "pertencimento ao território e valorização dos saberes ancestrais e promovendo uma educação que respeita e celebra a cultura local".

Na Escola dos Sonhos, a pesquisa-ação possibilitou "acompanhar de forma mais sistematizada as ações do Comitê Estudantil de Equidade, compreendendo o quanto sua atuação na escola tem sido fundamental para o fortalecimento dos vínculos afetivos e da interação entre os/as estudantes". Segundo o relato, "esse movimento gera um impacto positivo no desenvolvimento da aprendizagem e da convivência, a ponto dos/as educandos/as procurarem apoio do comitê sempre que necessário". Foi mencionada a diminuição de preconceitos (deficiência, raça, gênero, religião), sugerindo que práticas antirracistas podem gerar impactos que transcendem especificamente a questão racial.

Na Escola Pluricultural Odé Kayodê, destacou-se um impacto maior devido ao intercâmbio, pela "possibilidade de conhecer outros espaços e de receber outras instituições". No IFSP-São Roque, reconheceu-se explicitamente que seus avanços foram "muito incipientes, que carecem de maior mobilização do corpo docente e discente para o aprofundamento das informações coletadas", demonstrando consciência sobre limitações e necessidades de fortalecimento das iniciativas.

Desafios na implementação de práticas antirracistas

Mesmo nessas escolas, a maior parte com experiências consolidadas de educação antirracista, nas quais se deram projetos de pesquisa-ação voltados a essa temática, persistem obstáculos que demandam reflexão e estratégias consistentes de enfrentamento. Os desafios identificados nas dez escolas participantes dizem respeito a:

Resistências individuais e familiares à educação antirracista

Diversidade de concepções sobre educação antirracista entre educadores

Tempo e recursos humanos dedicados exclusivamente ao tema

Formação continuada

Mobilização e engajamento comunitário

Sustentabilidade financeira e continuidade das ações

Na Escola Municipal Anne Frank, um desafio é constituído por "professores e famílias resistentes". A equipe afirma ser necessária muita paciência e métodos inovadores para trabalhar com essas pessoas, "que ainda têm dificuldades de entender que o racismo é crime". Embora o segmento seja nomeado de "público menor", trata-se de um obstáculo à ação antirracista.

No IFSP, o desafio central mencionado foram "as distintas concepções das/os educadoras/es acerca da educação antirracista". O contexto é de educação antirracista institucionalizada (presente na missão, visão e valores, com Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas atuante e recorrentes ações de formação continuada), mas persistem diferentes visões sobre essa educação antirracista e como deve ser implementada. Há quem considere o racismo como problema estrutural e outras pessoas o veem como preconceitos individuais, há propostas de educação antirracista transversal e outras a querem concentrada em componentes curriculares específicos, opõe-se o papel de conteúdos históricos à transformação de relações interpessoais, questiona-se a pertinência de ações afirmativas, entre outras. O meio apontado de enfrentamento dessa multiplicidade foi o investimento em formação continuada para gerar compreensões compartilhadas.

Também se indicou como desafio "o envolvimento das/os estudantes nesse debate numa ação que extrapole os momentos de eventos sobre a educação antirracista, que já são costumeiros no campus." Além disso, reconheceu-se que "um desafio cotidiano é o ingresso de estudantes novatas/os na instituição, que demanda um trabalho constante de reafirmação da cultura de paz, de inclusão social e educacional e da educação antirracista". Novos estudantes não participaram de processos formativos, sendo preciso reiniciar constantemente a sensibilização e a formação.

Na Escola da Prefeitura de Guarulhos Professor Edson Nunes Malecka explicitaram-se três desafios inter-relacionados: "1) Incluir toda comunidade educativa na educação antirracista, sendo necessário dar cada vez mais holofote aos trabalhos que lidam com o assunto. 2) Alocação de recursos e conhecimento específico para a transformação dos espaços escolares no intuito da valorização da cultura e estética afro-brasileira, indígenas e migrantes. 3) Formação dos

profissionais da educação para o trabalho na educação antirracista". Não foram especificadas e ainda são necessárias estratégias para o enfrentamento desses desafios.

Na Escola Municipal Quilombola Professora Lydia Sherman, os desafios indicados foram relativos a tempo disponível para que a equipe possa se dedicar a criar, implementar e gerenciar projetos que promovam práticas antirracistas, bem como à rotatividade anual de integrantes "apesar da melhora alcançada na qualidade do diálogo entre educadores e alunos sobre temas que envolvem equidade e diversidade racial".

Igualmente, na Escola Estadual de Educação Profissional Alan Pinho Tabosa, informou-se sinteticamente que "o maior desafio é o tempo". Mas na Escola Municipal Antonio Coelho Ramalho, o ponto crítico foi "o conhecimento sobre as questões antirracistas, tanto para a equipe escolar como para os estudantes". Para enfrentar esse desafio, propuseram a formação continuada da equipe. Na Escola Municipal Baniwa Eeno Hiepole, apontou-se desafio similar: "muitos professores(as) ainda não têm acesso regular a formações específicas sobre relações étnico-raciais, pedagogias decoloniais e letramento racial".

Na Escola Pluricultural Odé Kayodê, a avaliação foi distintiva: "não temos desafios sobre a implementação, mas da continuidade. O desafio é a questão financeira". Essa escola comunitária se caracteriza por sua proposta enraizada em saberes ancestrais afro-brasileiros e indígenas. A instabilidade financeira ameaça a continuidade de suas práticas. Há dependência de contribuições de famílias, parcerias, projetos com financiamento externo.

Os desafios registrados na Escola Municipal de Ensino Fundamental Desembargador Amorim Lima foram acompanhados de suas respectivas soluções: "1) Resistência cultural: alguns educadores ainda demonstram dificuldade em abandonar perspectivas eurocêntricas. Solução: fortalecer a formação continuada. 2) Recursos limitados: falta de materiais didáticos e financeiros. Solução: buscar parcerias e recursos externos. 3) Sustentabilidade: garantir que as ações perdurem no longo prazo. Solução: incluir as práticas antirracistas no planejamento institucional".

Na Escola dos Sonhos, o desafio destacado foi o engajamento amplo da comunidade: "o enfrentamento exige a sensibilização de famílias, educadores/as

e educandos/as". Propõe-se "uma atuação constante, os representantes do Comitê [Estudantil de Equidade] vão sugerindo novas metas e estratégias a partir do que acontece no cotidiano da escola".

Ações futuras

As ações futuras planejadas nas dez escolas expressam expansão e consolidação de iniciativas que começaram durante a pesquisa-ação. As perspectivas delineadas refletem aprendizados alcançados, desafios identificados e compromisso com a transformação das práticas educacionais. As pessoas que estão à frente desses projetos compreendem educação antirracista como processo contínuo que deve permear variadas dimensões da instituição educativa. Além das ações, foram previstas parcerias, mecanismos para integração dos aprendizados nas práticas institucionais e medidas para garantir sustentabilidade e ampliação dos projetos após encerramento do financiamento inicial.

As ações futuras propostas incluem diversidade de estratégias adaptadas aos contextos e necessidades específicas de cada instituição. Na Escola Municipal Anne Frank, o foco está nas iniciativas comunitárias como a realização de caminhada de combate ao racismo e café literário com famílias, mobilizando diferentes segmentos da comunidade escolar.

Na Escola da Prefeitura de Guarulhos Professor Edson Nunes Malecka propôs-se um feixe amplo incluindo estudos, pesquisas e ações contínuas de formação com professores, rodas de conversa com alunos e famílias, sequências didáticas interdisciplinares abordando história e cultura afro-brasileira e indígena, além de mostra cultural onde serão expostas produções das crianças e apresentações artísticas. Deverá ser utilizado também acervo bibliográfico adquirido durante pesquisa em atividades de leitura e análise de obras literárias com protagonismo negro, indígena e migrante.

Na Escola Municipal Quilombola Professora Lydia Sherman, planeja-se envolver mais ativamente representantes de turmas no gerenciamento e solução de conflitos, promover mais rodas de conversa temáticas, criar e incentivar mais jogos e ações antirracistas, além de registrar as aprendizagens por meio de

vídeos, desenhos e relatos como forma de visibilizar vozes e perspectivas das crianças. No IFSP, enfatizou-se formação continuada com docentes visando a mitigar dificuldades da sua prática. Pretende-se também aplicar questionários com estudantes para diagnosticar sua percepção sobre educação antirracista e envolvê-los em discussão sobre concepção institucional e melhoria de suas próprias práticas.

Na Escola Estadual de Educação Profissional Alan Pinho Tabosa, propôs-se trazer oficinas de tranças e danças africanas, em vivências que integrem saberes e práticas culturais ancestrais. Na Escola Municipal Antonio Coelho Ramalho, planejou-se a continuidade de encontros online de formação com o Coletivo Encrespades, realização de parcerias para outras ações de formação, inclusão de questões de cultura e história afro no dia a dia da escola e utilização sistemática de planilha de registro dos indicadores com todos os estudantes do período da manhã.

Para a Escola Municipal Baniwa Eeno Hiepole, direcionam-se ações em continuidade à socialização entre estudantes de diferentes clãs, sem praticar racismo na comunidade e na escola indígena. Na Escola Pluricultural Odé Kayodê, as ações futuras enfatizam inserção cada vez mais zelosa de elementos que compõem outras narrativas culturais no dia a dia escolar, tanto na composição dos ambientes quanto nos textos e imagens utilizadas nas atividades, buscando expor trabalhos realizados para que a comunidade reconheça e valorize o legado dos povos negros e indígenas.

Na Escola Municipal de Ensino Fundamental Desembargador Amorim Lima, planeja-se finalizar a revisão dos roteiros de pesquisa de estudantes com base nos marcadores de africanidades, implementar os roteiros revisados no próximo ano letivo, expandir a formação de educadores sobre práticas antirracistas e incentivar a criação de projetos interdisciplinares que abordem diversidade cultural e combate ao racismo. Na Escola dos Sonhos, prevê-se a produção de vídeo de animação e realização de desfile para tratar de aparência e estilo, complementados por roda de conversa com psicanalista sobre como racismo e discriminação afetam emocionalmente os indivíduos.

As parcerias são centrais para a sustentabilidade e ampliação das ações futuras. Em sete das dez escolas foram previstas ou estão em processo de

consolidação. A Escola Municipal Anne Frank estabelecerá parceria com Núcleo Étnico Racial da Secretaria Municipal de Educação de Belo Horizonte. No IFSP-São Roque, pretende-se envolver a Escola Municipal Antonio Coelho Ramalho, a Escola Municipal Quilombola Lydia Sherman e a Escola Pluricultural Odé Kayodê, e com outras do programa Escolas2030. Na Escola Professor Edson Nunes Malecka, há intenção de consolidar parcerias com o Departamento de Educação e Programas Educacionais da Secretaria de Educação de Guarulhos, a Cáritas Diocesana, autoras indígenas, negras e migrantes que compartilharão vivências com educadores e educandos, a Aldeia Wassu oferecendo oportunidades de imersão, e Rotary Club oferecendo recursos e equipamentos.

A Escola Quilombola Lydia Sherman estruturou parcerias de alcance regional e internacional: encontro online com especialistas para compartilhar experiências em educação ambiental, rodas de conversa utilizando a padaria-escola Akoma como espaço de produção de saberes, e parceria com escola africana da Guiné-Bissau para intercâmbio de vídeos de brincadeiras e costumes tradicionais. A Escola Pluricultural Odé Kayodê informou parcerias emergentes com a EMEI Coelho visando conectar Governo Mirim com Grêmios Estudantil, e com IFSP-São Roque para intercâmbio relacionado à produção agrícola. A Escola Desembargador Amorim Lima consolidará parcerias com a Escola Comunitária Luiza Mahin, a Casa Sueli Carneiro e com especialistas além de Sandra Petit. A Escola dos Sonhos estabelecerá parceria com um pai de estudante da escola, psicanalista e neurocientista, para promover roda de conversa.

As perspectivas apresentadas nas dez escolas traduzem a visão da pesquisa-ação como projeto de longa duração na transformação das práticas educacionais. Delinearam ações futuras, parcerias e compromisso com práticas equitativas e antirracistas. Embora reconheçam desafios remanescentes, todas são expressão de uma rede embrionária a impulsionar uma educação antirracista que se integre definitivamente às culturas e práticas das organizações educativas.

Uma interpretação da iniciativa de educação antirracista

Estamos acostumados a aceitar que, em unidades escolares, a maior parte do tempo seja destinada a fazer professores e estudantes realizarem atividades e não a pensarem sobre como vivem e como seria preferível se relacionarem. É uma visão que pressiona a educação a reduzir-se à dimensão da instrução. Opõe-se, portanto, à amplitude da perspectiva de educação integral e tem curto alcance no enfrentamento do racismo.

Essa opção limitante está presente também em escolas comunitárias e nas públicas, mas estas últimas têm maior rigidez na destinação do tempo para aulas e, de modo geral, é escasso o tempo para negociações e planejamento coletivo.

Não há tradição de envolver estudantes nessas atribuições de negociações e planejamento e menos ainda de abarcar familiares. Além disso, não há acúmulo significativo de experiência na formulação de projetos de pesquisa rigorosa, nem na sua elaboração coletiva e, ainda mais raramente, em pesquisa-ação.

Os projetos de pesquisa-ação aqui descritos foram elaborados em cada escola por pequenos grupos, que contaram com uma pessoa para impulsioná-los (agente mobilizador/a) e para fazer a ponte com o conjunto da unidade.

Cada caso compôs um enorme e exigente empreendimento de idear o projeto, negociar sua concepção coletivamente, criar atividades educacionais para experimentá-lo, formular indicadores de aprendizagem e realizar observações para testá-los, extraindo aprendizados do processo.

Tudo conseguiu ser feito com maior ou menor acabamento e sucesso em pouco mais de três meses, em escolas incomuns, que já mantinham direcionamento para a equidade e que contavam com profissionais sensíveis ao antirracismo.

Para além do proveito que essa iniciativa proporcionou em cada escola participante, entre os resultados, há uma coleção de indicadores. Certamente estão por ser aperfeiçoados, mas já podem servir de subsídio para esforços análogos em muitas outras escolas, de diferentes lugares.

Se quisermos em grande escala o enraizamento exitoso da educação antirracista nas escolas básicas do país, essa iniciativa leva a considerar cinco condições que, talvez não sendo suficientes, mostraram-se totalmente necessárias. Sua oferta tem sido inexistente ou inexpressiva na maior parte das escolas brasileiras:

Nova partição das jornadas de trabalho e das atividades de estudantes, concedendo muito maior dedicação a entendimentos coletivos em torno do planejamento e execução de pesquisa sobre as relações sociais, especialmente as raciais.

Material didático e paradidático sobre relações raciais e sobre variadas culturas, povos e histórias.

Ações regulares e progressivas de formação de profissionais docentes e não docentes.

Viabilização de intercâmbios (presenciais e online) entre pessoas de diferentes escolas.

Apoio especializado contínuo e interlocução qualificada com profissionais docentes e não docentes.

Apêndices

Apêndice 1 - Manifestações de racismo no ambiente escolar

- Racismo estrutural, individual e cultural.
- Injúria racial e exclusão.
- No interior das turmas, entre turmas e durante eventos interinstitucionais (esportivos).
- Privilégio no currículo, materiais e referências de sucesso, estéticas ou de espaços de falas e oportunidades apenas para pessoas brancas.
- Abordagem de questões raciais ou valorização de pessoas negras e indígenas apenas em disciplinas, eventos e atividades específicas.
- Exclusões em brincadeiras relatadas por estudantes (não presenciadas por professores/funcionários).
- Bullying por conta da aparência (cabelos e traços).
- Uso de expressões racistas ao se referirem aos colegas negros.
- Falta de conhecimento e representação sobre a diversidade cultural e histórica da África, reduzindo-a a estereótipos.
- Utilização de termos desatualizados (ex: "escravo" ao invés de "escravizado").
- Comentários pejorativos sobre características físicas associadas à negritude (cor da pele, tipo de cabelo).
- Negação ou invisibilização da identidade racial (dificuldade em reconhecer-se como pessoa preta).
- Piadas, apelidos e comentários racistas que muitas vezes não são percebidos como racismo.
- Bullying racial e violência simbólica.
- Piadas e estereótipos raciais ("racismo recreativo").
- Racismo institucional (predominância de professores brancos vs. profissionais negros em serviços operacionais).
- Racismo Internalizado (membros de grupos racializados internalizam crenças preconceituosas sobre sua própria raça).
- Apagamento das culturas negras e indígenas nos currículos.
- Discriminação interpessoal e desigualdade no acesso a oportunidades.

Apêndice 2 - Iniciativas antirracistas em andamento antes da pesquisa

Escola Municipal Anne Frank Vários projetos com a temática antirracista no PPP [projeto político-pedagógico], como rodas de conversas com famílias e estudantes, círculos e projetos literários, justiça restaurativa.

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo - São Roque Educação antirracista presente na missão, visão e valores institucionais. Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas (NEABI) em nível institucional. Formação continuada de servidores. Eventos propostos por servidores e estudantes. Dois coletivos no campus: Coletivo Negro Dragão do Mar e NEGRAS. Equipe de servidores faz escuta ativa, registros e encaminhamentos educativos em casos de racismo, com aplicação de sanção disciplinar. Docentes desenvolvem trabalho alinhado à pedagogia das encruzilhadas e/ou pedagogia engajada antirracista.

Escola da Prefeitura de Guarulhos Professor Edson Nunes Malecka Momentos formativos com o corpo docente. Projetos de enaltecimento da imagem do povo negro (principalmente da mulher) e da cultura e história africana e afro-brasileira. Intervenções em turmas e grupos para combate ao racismo com construção do saber e práticas antirracistas.

Escola Municipal Quilombola Professora Lydia Sherman Projetos anuais voltados para uma educação integral que contemple as relações étnico-raciais, perpassando componentes curriculares e ações culturais.

Escola Estadual de Educação Profissional Alan Pinho Tabosa Atividade de autodeclaração e participação para obtenção de selo de escola antirracista [iniciativa da Secretaria Estadual de Educação para reconhecimento e premiação de práticas antirracistas]. Projeto Dançart (resgate, valorização e divulgação de manifestações culturais afro-brasileiras por meio da dança). Semana da Consciência Negra (projeto de leituras, palestras, teatro, musical e aulas expositivas sobre racismo).

Escola Municipal Antonio Coelho Ramalho Em 2024, plano de estudos sobre preconceito, com toda a escola envolvida na temática do racismo. Busca por um currículo decolonial.

Escola dos Sonhos A temática antirracista permeia o trabalho pedagógico por meio de projetos de pesquisa, oficinas de arte e cultura e atuação do Comitê de Equidade. Estudantes do Comitê de Equidade elaboram plano de ação para apoiar colegas e mediar situações de bullying, preconceito e racismo. Em 2023, houve avanços na interação entre estudantes com diferentes características. Em 2024, mediações de conflitos relacionadas a bullying, racismo e intolerância religiosa. Em 2025, aplicação de questionários para identificar ocorrências de racismo.

Escola Pluricultural Odé Kayodê A própria escola se constitui como prática educativa antirracista, valorizando diversidades e reconhecendo culturas originárias, afro-brasileiras e populares. Projeto político-pedagógico comprometido com educação decolonial. Oficinas de modelagem em barro. Projeto Ancestralidade Ayedun (reconhecimento dos saberes dos avós). Ojolayé ("mercado do mundo", evento anual sobre matrizes africanas). Ojò Odé ("dia do caçador", oficinas de culinária, ervas, arte, tranças e corporeidades negras). Governo Mirim (crianças

exercem lideranças e protagonismo). Medalha Ayedun (reconhecimento de trajetórias inspiradoras). Oficinas permanentes de capoeira, percussão e linguagens negras. Presença do grupo Malungos de Angola (jongo, canto e dança de matriz africana). Jogo africano Mancala (Olópón Ayò) na matemática. Formação continuada de educadores em relações étnico-raciais. Participação em redes como Escolas2030. Inauguração da Biblioteca Multicultural Obá Biyi.

Escola Municipal de Ensino Fundamental Desembargador Amorim Lima Compromisso com educação antirracista que ultrapassa a Lei 10.639/2003. Festa Kizomba (dispositivo curricular permanente, valorizando cultura afro-brasileira, fortalecendo pertencimento identitário e concretizando princípios do PPP). Oficinas de capoeira e maracatu (conectam estudantes às matrizes africanas, desenvolvem consciência corporal e ritmo, fortalecem trabalho em grupo e autoestima racial). Programa de Formação Continuada em Educação Antirracista (capacitação de educadores para identificar racismo estrutural, incorporar perspectivas afrocentradas e mediar conflitos).

Escola Municipal Baniwa Eno Hiepole Projeto Wayuri (valoriza cultura indígena e promove aprendizagem colaborativa). Trabalham de forma geral sobre racismo, mas não há iniciativas consolidadas.

Apêndice 3 - Escolas e títulos das pesquisas

Escola	Pesquisa
Escola da Prefeitura de Guarulhos Professor Edson Nunes Malecka (Guarulhos, SP)	Educação antirracista: uma ação coletiva
Escola Municipal Antonio Coelho Ramalho (Ibiúna, SP)	Trançando caminhos para uma educação antirracista no cotidiano escolar
Escola Municipal Baniwa Eeno Hiepole (São Gabriel da Cachoeira, AM)	Aprendizagem colaborativa e educação antirracista na Escola Baniwa Eeno Hiepole: fortalecendo a coletividade e a identidade indígena
Escola Estadual de Educação Profissional Alan Pinho Tabosa (Pentecoste, CE)	O papel da comunidade escolar na educação anti racista, caso da EEEP Alan Pinho Tabosa 2025
Escola Municipal Anne Frank (Belo Horizonte, MG)	A educação transformadora é antirracista*
Escola Municipal Quilombola Professora Lydia Sherman (Búzios, RJ)	A África em Nós: Conectando Territórios
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo - São Roque (SP)	Educação Antirracista no IFSP - SRQ: aproximações e distanciamentos entre as práticas pedagógicas e os documentos institucionais
Escola Municipal de Ensino Fundamental Desembargador Amorim Lima (São Paulo, SP)	Olhares em movimento: diversidade, pesquisa e ação antirracista na EMEF Amorim Lima
Escola dos Sonhos (Bananeiras, PB)	Por uma escola mais equitativa: a atuação do Comitê Estudantil de Equidade por uma educação antirracista
Escola Pluricultural Odé Kayodê / Espaço Cultural Vila Esperança (Goiás, GO)	Oficinas de modelagem no barro como prática antirracista: caminhos para o desenvolvimento do protagonismo, da criatividade e do autoconhecimento na Escola Pluricultural Odé Kayodê

Apêndice 4 - Educação antirracista - problemas de pesquisa formulados

O que eu posso fazer para que o racismo não prevaleça em nosso meio?

Como a implementação de uma educação antirracista baseada na coletividade e nos saberes tradicionais Baniwa pode contribuir para o fortalecimento da identidade indígena e a redução do racismo estrutural na Escola Baniwa Eeno Hiepole?

Como os roteiros de pesquisa da Emef Amorim Lima podem ser transformados para efetivamente incorporar os Marcadores de Africanidades, promover empatia e colaboração, e combater o racismo estrutural na prática pedagógica?

A implementação de práticas pedagógicas antirracistas no ensino fundamental contribui para a redução de atitudes preconceituosas entre os alunos?

Qual a efetividade pedagógica dos documentos institucionais nas práticas pedagógicas da escola?

Até que ponto a escola propicia a promoção da educação antirracista?

Em que medida os indicadores presentes no documento "Indicadores da Qualidade na Educação: Relações Raciais na Escola - Antirracismo em Movimento" na dimensão intitulada "Atitudes e Relacionamentos", podem ser considerados instrumentos válidos para a avaliação destas aprendizagens no contexto escolar?

Qual é o nível de compreensão que as crianças participantes do Grupo de Trabalho demonstram em relação aos impactos do racismo em suas experiências e relações sociais?

Como práticas pedagógicas enraizadas no território e na ancestralidade, como as oficinas de modelagem em barro, podem favorecer uma educação antirracista e o protagonismo das infâncias na escola?

Quais ações desenvolvidas pelo Comitê de Equidade contribuem para o fortalecimento das relações de equidade entre os/as educandos/as, promovendo práticas antirracistas no ambiente escolar?

De que forma a implementação de uma formação para equipe escolar com foco em educação antirracista influencia as práticas educacionais e a construção do pertencimento racial dos estudantes?

Apêndice 5 - Educação antirracista - Indicadores de aprendizagem elaborados na Escola da Prefeitura de Guarulhos Professor Edson Nunes Maleka

Tabela do Protagonismo Antirracista (para observador)

Indicadores	1. Intervenção ativa (Age contra piadas/apelidos racistas/racismo religioso)	2. Questionamento crítico (Desnaturaliza o racismo)	3. Inclusão ativa (Fortalecimento de vínculos)	4. Valorização estética (Reconhece beleza negra)
A. Expressão verbal	Interrompe brincadeiras ofensivas	Pergunta: "Por que isso é racismo?"	Convida colegas isolados para atividades	Elogia características físicas negras
B. Iniciativa prática	Cria cartazes de conscientização Cria combinados contra apelidos	Propõe debates sobre igualdade	Media conflitos com empatia	Organiza atividades sobre cultura afro
C. Colaboração	Apoia vítimas de discriminação	Amplifica vozes de colegas negros	Promove trabalhos em grupo diversos	Celebra heróis negros com a turma

Preenchimento: Nome da criança e se houve manifestação dentro de um dos quadrantes durante realização da atividade proposta.

Tabela do Autoconhecimento Antirracista (para observador)

Indicadores	1. Reconhece do corpo e da estética beleza negra	2. Valorização das meninas e mulheres negra	3. Reconhece seu papel direto no antirracismo
A. Expressão verbal	Cita ou escolhe referências negras	Cita ou escolhe referências negras	Se coloca como agente de mudança
B. Expressão emocional	Tem orgulho de sua aparência Admira referência estética	Tem orgulho de sua aparência Admira referência estética	Expressa empatia embasada
C. Expressão não verbal	Cuidado com penteados/roupas étnicas	Postura firme diante de ofensas	Participa ativamente de eventos culturais negros

Preenchimento: Nome da criança e se houve manifestação dentro de um dos quadrantes durante realização da atividade proposta.

Apêndice 6 - Educação antirracista - Indicadores de aprendizagem elaborados na Escola Indígena Baniwa e Koripako Eeno Hiepole

Atitudes e Relacionamentos

Estudante:

Sexo:

Idade:

Turma:

Clã:

Responsável pelo registro:

Aprendizagem: Colaboração

Indicador	Data da ocorrência							
Estudante defende colega de outro clã contra xingamentos, piadas e apelidos discriminatórios								
Estudante quebra o silêncio e muda o olhar para desnaturalizar o racismo contra colega de outro clã								
Estudante manifesta afeto e atenção e fortalece relações de amizade com colega de outro clã								
Estudante reconhece/elogia/valoriza o corpo e a estética (beleza) de colega de outro clã								
Estudante ajuda colega de outro clã a ocupar lugares de poder (fazer parte de grupos de trabalho, ser representante de turma, compor time esportivo etc.)								

Recursos Didáticos e Paradidáticos

Data:

Responsável pelo registro:

Indicador	Não há	Pouco	Suficiente	Comentário
Quantidade de recursos didáticos em diferentes línguas e sobre diferentes etnias e clãs na escola				
Uso de recursos didáticos em diferentes línguas e sobre diferentes etnias e clãs na escola				
Manutenção e ampliação de recursos didáticos em diferentes línguas e sobre diferentes etnias e clãs na escola				